

BRASIL-PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1900

N.º 46



Barão do Rio Branco

Representante do Brasil junto do Tribunal Arbitral de Berna (Suíça)



As tragedias do amor



o mesmo dia, e talvez á mesma hora, em duas cidades do reino e entre personagens de bem diversa situação social, davam-se duas tragedias horivelmente sanguinárias, tendo a mesma origem — o amor, o mesmo movel — o ciúme, o mesmo fim — a honra.

Da de Lisboa era auctor um homem da melhor sociedade e da melhor educação; o protagonista da de Beja era um homem do povo, um trabalhador, um rude. O primeiro aprendera no trato da sociedade, no convívio da corte, na educação pessoal e na tradição da família, o *savoir faire* e o *savoir vivre*, as delicadezas, as *manners*, que, mais do que nenhuma outra, reclama esta civilização moderna, que, parecendo a mais fácil, a mais amena e a mais simples, é mais áspera e mais complicada que todas que a precederam, porque obriga de preferência, aquelles que tem em foco, a disfarçar o pensamento de toda a hora, a reprimir a expansão do sentimento, a substituir sinceridade por diplomacia, a attender a mil pequenos nadas, e tanto, e sempre, que esta situação tensa do coração e do espirito é uma tortura constante para o cérebro.

O povo, que não conhece os bastidores d'esta civilização, cujas exigências não precisa satisfazer, chega por vezes a comprehender mal o riso amarello que em muitos labios despontava, a não dar pelas transformações de visagem que de subito não raro se operam, a extranhar ou a duvidar da expressão facial que nota de quando em quando n'aquelles que em vez de um sorriso annunciavam um desgosto, e em lugar da raiva, do odio, da tristeza, cujas origens o vulgo conhece e avoluma, apresentam uma quietidão, um bem-estar, uma felicidade, que fazem inveja a toda a gente. «O mal e o bem á cara vem», em vão se podem repetir hoje estes termos archaicos, porque lá está a destruição, a, sophismal-osa, a exigência crescente, invencível, d'esta terrível e doce vida moderna, com toda a luta dos egoismos soffregos, com as feridas que sangram, abertas no choque de todas as concorrencias, com todas as hypocrisias, mais revoltantes e mal intencionadas que as dos tempos fracosos, com todas as curvaturas de espinha, com todos os rebates de consciencia acorreada, com todas as mentiras, cada uma das quaes dir-se-ia ter-se arvorado em lei social.

A esta sociedade culta, fina, transigente, complacente, bem educada, pertence, e n'ella tinha um posto em evidencia, o homem para quem n'um momento acabam de convergir as attensões do paiz inteiro, não porque deixe de ser um coiza banal um tiro de revolver, ou velha como o inando a morte inlinguida a um homem, mas porque a bala que n'esse momento rasga a cartodita ou atravessa o pulmão é a solução de um problema que pesa sobre muitas consciencias e em muitos espiritos se debate atormentado e febril!

Selvagem como a sua natureza, impulsivo como o seu amor, sem cultura social, sem educação, sem confôrto de vida, sem conhecer da outra sociedade que vive no polo antipoda, nem o superficial, nem as transigencias, nem, emfim, nenhum dos primeiros e requintes de educação, o rude assassino de Beja não empunhou o revolver, que é uma arma elegante, mas ergueu do chão o machado do trabalho e descarregou-o ferozmente sobre a mulher e sobre a filha, momentos antes de arrancar com violencia a sua propria vida, que para nada lhe servia depois de perder tudo o que tinha, tudo o que lhe era querido: a familia e a honra.

Nos cerebros d'estes dois homens, o culto e o selvagem, o educado e o analfabeto, no coração d'estes dois maridos ultrajados, na consciencia de cada um, e no mesmo minuto terrível, poz-se o mesmo problema, formulou-se a mesma theza, desenrolou-se o mesmo drama, e achou-se a mesma solução, unica, sanguinaria, irredutível.

No homicidio violento, que pareceria uma covardia se não fosse uma punição, que seria traço de justiça, na morte de um ou de mais — pouco importa o numero — e n'ella só, na suprema violencia, no supremo castigo, no acto supremo da vida: matar ou matar-se — estes dois homens tão dissimilares no nascimento, na sociabilidade, nas condições do viver, e porventura nos recursos da intelligencia, influenciados por meios tão diversos, só encontraram compensação e alívio n'este fulminante desenlace d'uma tragedia moral, irmã d'aquellas que o velho Eschilo e o grande Shakespeare puzeram em relevo com as fulgurações do genio.

E o que é mais estranho e interessante para a logica do raciocinio é que estes dois homens, desegues perante a sociedade, são eguaes perante a lei, como o foram perante a invasão do mesmo sentimento arrebatado e intenso.

Onde principia a virtude? Onde acaba a convenção? A honra é um sentimento innato como o amor, como o ciúme, como o odio, ou um pacto feito com o meio em que vivemos e em que actuamos? Cede a um raciocinio deduzido com rigor o selvagem que mata a mulher que o ultrajou? Cede a um impulso de natureza ardente o homem culto da cidade e da corte, que só soube lavar com sangue os agravos que o feriram fundo?

O duplo spectaculo tragico, em que recaimos á mesma hora os

olhares de observadores desapassionados e serenos, teve, no ruido que produziu em volta, a vantagem de fazer confirmações e ensinamentos. Obriga a pensar antes de tudo, que atravez das edades, das distancias e das civilizações, é sempre o mesmo, delicado como a sensitiva, vibratil, egual, o fundo da natureza humana. Ensinava e confirma que n'um dado momento todo o homem, ou seja o cortejado ou seja o rustico, como a leão que rugiu e mata para salvar o filho, rugiu tambem, e acomete e mata com ferocidade para salvar a parte nobre e preciosa da sua existencia, que quer se chame ciúme, quer se chame honra, orgulho ou amor, á luz vermelha do sangue, ou do ultrage, perde o nome, porque todos elles se fundem n'um sentimento unico, alucinado, vibrante, que pertubra o ser, incendia o cerebro, crispia os nervos, turva os olhos, esmagaa a razão e põe indistinctamente a arma selvagem do assassino nas mãos de um analfabeto ou de um sabio, de um sclerado ou de um homem de bem!

E então, nada mais comico, nada mais rhetorico, nada mais positivo, que a moralidade frígida em volta d'estes casos tremendo pelos censores da ultima hora que julgam encontrar as origens do mal onde ellas não existem e crêem emendar os homens, as mulheres, as filhas, os rapazes, a sociedade toda, a golpes de pena.

Ainda não tinha vindo ao mundo o poderoso dramaturgo inglez e já os Othellos de todas as côres, de todas as hierarchias e de todos os paizes, tinham assassinado Desdemonas, ora innocentes ora culpadas, e, de quando em quando para quebrar a monotonia, tinham, com egual ou maior ferreza, applicado morte affrontosa a amantes e seductores.

Para que vem então este alarido moralista ácerca do caso de Lisboa, tão lerdo como banal?

Se elle fosse privilegio da sociedade elegante, se ella tivesse o exclusivo d'esta fabrica de tiros de revolver, de envenenamentos ou de golpes de machado, especie de balão do arsenal a marcar certos os casos de trações, de adulterios, de assaltos á propriedade alheia, v. g. era bem entendido que os moralistas tivessem pena de ella assediado todos os binoculos da critica, afim de evitarem alguma escapadella, e fazeres autoris proprio a uma classe que da sua conducta tão mau exemplo dava.

Comprehendia-se então o tirotoieo cerrado de todos os palavrões indignados, e admittia-se até que nas redações dos jornaes mais graves e sisudos houvesse uma forja de vituperios e apostrophes, de onde os Vulcamos da imprensa despedissem raios e coriscos contra os exemplos vindos de alto, contra a immoralidade a lavar tão fundo, que as machadadas, os estrangulamentos ou as balas, se encarregavam de annunciá-los com ruido e com frequencia a devassidão desenfeada.

Mas, onde é que esse exclusivo se manifesta? No caso das escadinhas da Mãe d'Água? Pois, parallelamente a esse não ha o caso de Beja, e pouco depois outro da mesma natureza occorrido em Lisboa, entre uma classe humilde? Foram porventura protagonistas d'estes dois ultimos dramas do povo — chamemos-lhe assim — esses rapazes da bohemia dourada, que não pensam senão em mulheres, e que fazem da fortuna, sua ou dos paes, um meio unico de gozo, de satisfação de caprichos, de prazer de sensualidade?

O grande numero de mulheres victimadas em todos os pontos do reino pela ferocidade ciumenta ou pela honra ultrajada dos maridos, — das quaes não deixaria de ser instructiva a estatística annual, pertence acaso á grande roda, a essa alta sociedade elegante, que tem estado em foco, como se ella fosse a responsavel por todos os conflitos de familia, por todos os desequilibrios conjugaes!

Melhor seria, por conseguinte, evitar o uso de anathemas e a applicação de apostrophes que teem um valor contra-productivo, porque era vez de instruir em desnoiteiam, e tendo o fim apparente de corrigirem lançam o descrédito sobre uma classe inteira, expondo-a á irrisão d'aquelles que não teem duvida em fazer da inveja uma arma de aggressão.

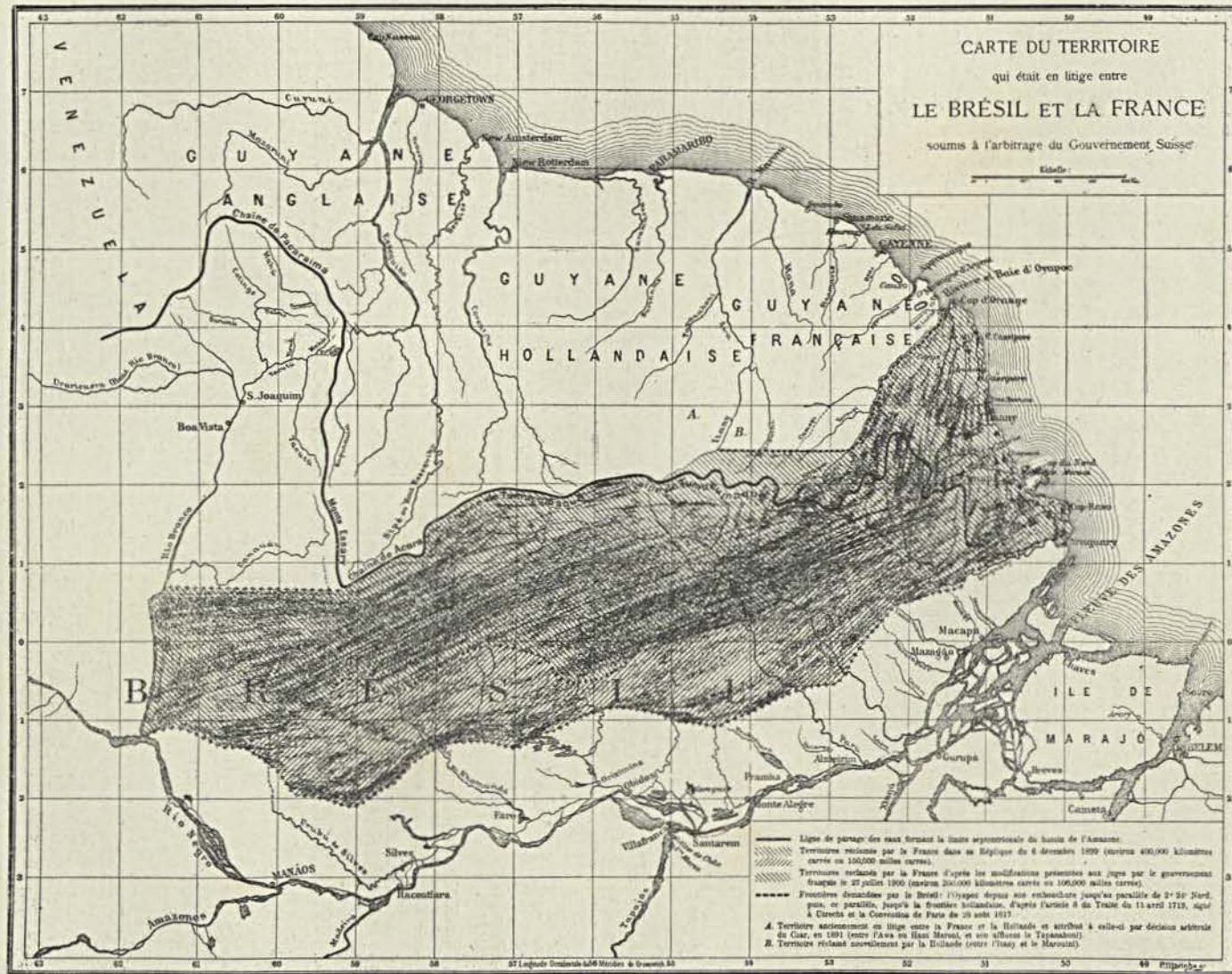
O caso de Lisboa, em resumo, é um caso sporadico, como é o de Beja, como são tantos outros que a imprensa se encarrega de forçar ao paladar appetitos dos que saboreiam com delicia estes desenlaces brutos das tragedias da honra e do amor.

Quando estas exposções violentas se dão arrastando consigo a ferocidade de uns, o luto, as dores, as esperanças ou as lagrimas de outros, quando surge um caso tremendo como aquelle que levou dois homens moços, felizes e estimados, um para o tumulo e o outro para o carcere, quando expõe uma tragedia tal, o grande, o valioso serviço moral dos que querem moralisar não é fazer accusações nem dar conselhos: é lamentar e esquecer.

JAYME VICTOR.



A QUESTÃO DO OYAPOK



Mapa do território em litigio entre o Brasil e a França depois da sentença arbitral do governo suíço

A QUESTÃO DE OYAPOK

A sentença de Berne

O governo federal suíço a cuja arbitragem o Brasil e a França haviam entregue a celebre questão do Oiapok, em litígio há tantos annos, acaba de dar a sua sentença, pelo que cada um dos dois países fica conservado o territorio indicado no mappa official que hoje publicamos.

Os árbitros determinaram uma das linhas fronteiras do Oiapok; a outra, a linha das aguas da bacia do Oiapok, desde a nascente principal do Oiapok até a fronteira hollandezas; isto é, de facto, a linha dos montes Tumucumaço.

Ficou pois ao Brasil o limite marítimo que este reclamava há muito e que não era outro senão o que Portugal no seculo xvii já havia reclamado, e que o tratado de Utrecht havia tão nitidamente resolvido. Entretanto, dado o prazo enorme decorrido entre o primeiro litígio e a resolução d'este, dois seculos inteiros, dado que o decorrer do tempo não faz senão complicar as questões em vez de as simplificar, o triumpho diplomatico do Brasil é completo, e muito o deve elle ao seu representante em Berne, o illustre barão do Rio Branco, cujo altissimo serviço é tão evidente que o parlamento brasileiro se apressou logo a dar-lhe a recompensa mencionada, votando-lhe uma das camaras um dote de mil contos, e a outra uma pensão de dois contos mensaes.

Teve, é verdade, o Barão do Rio Branco auxiliares importantes, e nos archivos portuguezes, os empregados por elle encarregados de comprehendarem tudo o que á questão se referia, e encontraram elementos valiosos, devendo especialisar-se um antigo mappa achado pelo sr. Moynis, um dos funcionarios mais trabalhadores e intelligentes. Foi lhe tambem de auxilio importante a obra de J. Caetano da Silva O Oiapok e o Amazonas, e o Tribunal de Berne, pronunciando a sentença que se segue, não fez senão dar razão a quem a tinha.

1.ª Que o rio Japoc ou Viecent Pinson, do art. 8.º do tratado de Utrecht, é o Oiapok, que desemboca a oeste do cabo de Orange, assim como se acha estabelecido pelos documentos que o Brasil submetteu ao tribunal, e que o *Ambréy* d'aquelle rio, desde a sua foz até á sua nascente, constituirá definitivamente a primeira das linhas fronteiras entre o Brasil e a Guyana franceza.

2.ª Que entre a linha fronteira, desde a nascente do Oiapok até o ponto de encontro com o territorio hollandez, será a que o artigo 2.º do tratado de arbitragem indica como solução intermediaria, isto é, a linha de divisão das aguas nos montes Tumuc-Humac, formando o limite septentrional da bacia de Amazonas.

Esta sentença, declara o *Temps* implica uma satisfação quasi completa ás reivindicações do Brasil e não concede a França senão uma inteira rectificação á linha do tratado de Utrecht.

Data, como dissemos do seculo xvii, o principio da questão que originou então varios conflictos entre os francezes e os portuguezes n'essa região.

Em 1688 Luiz XIV pretendeu que a colonia franceza de Cayena tinha por limite meridional a margem esquerda do Amazonas e por limite occidental, o Rio Negro, apesar dos portuguezes estarem havia 70 annos senhores da navegação e das duas margens do Amazonas, assim como de todos os seus affluentes, e de terem em 1646 expulsado os hollandezes do territorio entre o Araguay e o Oiapok, occupando o

effectivamente, estabelecendo ali um forte e duas missões ao norte do Araguay.

Em 1697, os francezes apoderaram-se do forte de Macapá, na margem esquerda do Amazonas, mas pouco depois foi-lhes retomado pelos paranaes.

Estabularam-se negociações, e sob pressão de Luiz XVI Portugal firmou com a França o tratado de 4 de março de 1703, neutralisou o territorio entre a margem esquerda do Amazonas, desde Macapá até ao Cabo do Norte, o litoral entre esse Cabo e o entroncamento do Oiapok e o curso d'esse rio.

Logo tres annos depois esse tratado por D. Pedro II, de Portugal, que se aliára á Inglaterra, aos Países Baixos contra o rei de França, e firmado depois o tratado de Utrecht, sob a garantia da Inglaterra, estabeleceu-se que a França desistia de todos os direitos e pretensões n'esses territorios que ficaram pertencendo a Portugal. E isto depois de muitas e valiosas reclamações de Portugal, estabelecendo os limites da sua soberania no Amazonas. Apesar d'isso em 1723, os governos de Cayena começaram a contestar aos portuguezes a fronteira do Oiapok.

Durante as guerras da Revolução e do primeiro Imperio francez, alguns tratados se fizeram modificando o estipulado no de Utrecht; a guerra entre Portugal e Napoleão recommençou em 1807, em 1809 as tropas brasileiras partindo do Pará retomaram Cayena e toda a Guyana franceza, que occupavam até á queda de Napoleão e á paz geral.

Em 1815, pelo acto final do congresso de Vienna, Portugal comprometteu-se a restituir a Luiz XVIII a Guyana franceza até ao rio Oiapok, no limite estabelecido pelo tratado de Utrecht, e as duas partes se compromettiam a ficar amigavel e definitivamente os limites das Guyanas franceza e portugueza; e dois annos depois uma convenção de Paris estipulou que Portugal restituísse á França a Guyana franceza até o Oiapok, como fora estabelecido em Vienna, até o paralelo de 2º 24' a norte, desde o Oiapok até á fronteira hollandezas, resolvendo-se mandar commissarios especiaes a fixar definitivamente os limites das duas Guyanas, conformemente ao disposto no artigo 8 do Tratado de Utrecht e o estipulado no acto do congresso de Vienna.

D. João VI nomeou os seus delegados, mas outro tanto não o fez a França. Em 1822 o Brasil separou-se de Portugal.

Só 14 annos depois a questão renasceu, quando Luiz Filipe occupou militarmente o territorio comprehendido entre o Amapá pequeno e o Oiapok. Protestou o Brasil e graças ao ministro da Inglaterra e dos Estados Unidos o rei francez decidiu-se a mandar retirar as suas tropas, neutralisando-se então provisoriamente essas territorios, em accordo dos dois paizes, firmado no anno de 1841.

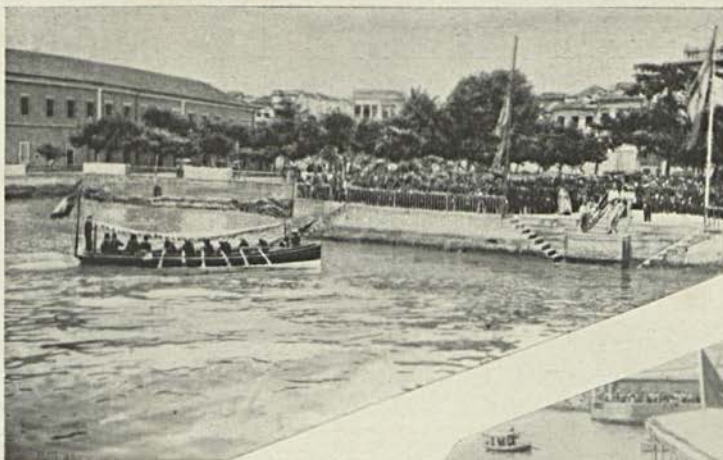
Ventou o Brasil depois chegar a uma transacção com a França, offerecendo lhe varias vantagens que Napoleão III recusou, apresentando exigencias absurdas. Romperam-se as negociações, mas como os brasileiros haviam povoado rapidamente esses territorios, descobriam depois em 1854 uma mina de ouro que attrahiu all uma aluvião de aventureiros estrangeiros.

A prisão de um preto subvencionado pelo governo de Cayena originou conflictos lamentaveis entre os soldados francezes e o chefe dos hollandezes, Cabral, dando-se o combate de Amapá em 15 de maio de 1855.

Regresso do Presidente da Republica brasileira, ao Rio de Janeiro, da sua viagem ao Rio da Prata



O Vice-Presidente Dr. Rosa e Silva embarcando no Arsenal de Marinha para ir a bordo cumprimentar a Sr. Dr. Campos Salles



O escaler conduzindo o Presidente e Vice-Presidente da Republica ao Arsenal de Marinha

3 — Eduardo Muller, doutor em direito, antigo advogado, antigo presidente da Confederação, coronel, chefe do departamento militar.

4 — José Zemp, doutor em direito, antigo advogado.

5 — Adolfo Deucher, doutor em medicina.

6 — Roberto Comtesse, doutor em direito, antigo advogado.

7 — Marco Emilio Ruchet, doutor em direito, antigo advogado.

O relator foi o conselheiro Muller.

Este conselho federal reuniu-se pela primeira vez em tribunal arbitral para decidir esta questão. Até aqui, tinha nomeado jury ou constituido tribunales especiaes para examinar e resolver as questões submettidas á arbitragem da Suissa.

D'esta vez, a pedido do Brasil, o conselho federal consentiu, no interesse das duas partes litigantes, a assumir a responsabilidade do exame e do pagamento d'esto longo litigio.

Foi tal a sensação produzida pelo triste acontecimento, no qual pareceu o capitão francez Lunier, commandante da canhoneira franceza, que o gabinete de Paris resolveu propor o regulamento das fronteiras, o que o Brasil accetou immediatamente, dando começo ás negociações.

Dois annos depois entraram os dois países a questão á arbitragem do conselho federal suizo, o qual tres annos passados deu a sentença que acima reproduzimos na integra.

Esse conselho compoz-se do sete membros:

1 — Walther Hanser, Presidente da Confederação.

2 — Ernesto Brenner, Vice-Presidente, doutor em direito, antigo advogado.



O Sr. Dr. Campos Salles embarcando no escaler que o conduziu ao Arsenal de Marinha



O Batalhão da Escola Militar formando no Arsenal de Marinha em continência ao Sr. Dr. Campos Salles

Muito succintamente enumeramos as varias phases por que passou a questão durante mais de dois seculos. O resultado não podia ser mais justo e mais lisonjeiro para a pretensão do Brasil o qual, como tambem já indicamos, não fez senão continuar as reclamações insistentes da sua mãe patria. Pena é no entanto que o decorrer do tempo, — que tudo apaga — fizesse com que este grande triumpho diplomatico do Brasil passasse quasi despercebido no nosso país, pois moralmente a este interesse sava tanto como á Republica dos Estados Unidos do Brasil.

O Brasil-Portugal cedendo hoje o seu logar de honra ao illustre representante do governo brasileiro em Berne, presta-lhe uma homenagem merecidissima de apreço e de gratidão, pois o seu triumpho é tambem o triumpho dos portuguezes dos dois seculos passados.



Charles Alexandre Munro



TODO aquelle que em dedicacões e utilidade consome a vida inteira deixa após a morte, um precioso legado — a historia do seu viver — incentivo, que simultaneamente enleva e estimula.

Torna-se por isso um dever o lembrar essas existencias que passaram, não só porque essa homenagem poderá servir de consolação ás famílias que se choram, mas porque servirá de excitação a despertar com a vibracão dos feitos que invoca, zelos e consciencias adormecidas, estimulando com o bilho de gerações passadas o trilho por onde hão de caminhar gerações futuras.

Charles Munro pertenceu a esse limitado numero dos que preenchendo a maxima de Juvenal 'Mens sana in corpore sano', conseguem mesmo na velhice, perpetuando as energias, conservar perduravel a saude e a *fortis* ao calor de uma tenacidade inquebrantavel.

E assim, quem ha ahi que o conhece de perto, que não conserve a mais grata recordação d'essa figura varonil como que resplacida pela bondade, e não sinta o vazio enorme deixado na convivencia, pela delicadeza impolante do seu trato e pela copiosa e rica cultura do seu espirito?

Quem, em Lisboa, se não recordará nos ultimos annos, de ver passar pela rua, apunhado, irreprehensivel no seu vestuario, vermelho e alegre, de cabelos e barba absolutamente brancos, de uma brancura immaculada, sempre sereno e com uma serenidade de forte, esse bom typo de homem como dizia o povo, esse bello typo de velho para quem as creanças se riam, e em cujo olhar, agudo e amplo, a intelligencia se reflectia perscrutante? — Ninguém, de certo; que a velhice parecia derramar n'elle uma doce idealidade que invadia pelos olhos, e ao ficar respeitosa os seus cabelos brancos, como que nos sentiamos balouçar languidamente em uma rede tibia de sonhos alvejantes e transportar através uma existencia desnuda e calma, estranhos aos egoismos e ás paixões do mundo; alheios ao fatalismo da eterna lucia e do desasosiego eterno, aguardando impavidamente a morte escudados á consciencia, sem nos arrecearmos do esquecimento nem nos inquietarmos com as sociedades, como elle sentindo o coração reflecto de si mesmo, e a vida dourada de bençãos... e como elle, quem sabe, compulso ainda, á dubia claridade da vida que esmorece, as paginas suggestivas do seu passado morto.

Descendente de escoceses, era comtado americano, por ter optado pela nacionalidade abraçada por seu pae, Angelo Munro, que por largos annos vivera nos

Estados Unidos da America, o que não impedia comtudo que guardasse o mais profundo orgulho pelas tradições do seu clan e o mais acrisolado enthusiasmo pelas bellezas e tradições da sua Escocia; parecendo mesmo que o «Dread God», que se inscreve como distico no brazão dos Munros, servia n'elle, não só a attestatione de arrogancia a sua origem e a sua religiosidade, mas a traduzir a energia e a disciplina do seu caracter, tão accentuado e definitivamente honesto, como a vermelhidão sãda do sangue que enfiava as suas faces e tingia a sua pelle.

Nascido em Lisboa a 15 de dezembro de 1819, casou-se a 4 de maio de 1844 com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José Peters Joyce, de quem teve varios filhos, de que apenas existem tres; em Lisboa foi educado e permaneceu até á sua morte, tendo frequentado a Escola Polytechnica e a escola de medicina, sem completar porém o curso, por o contrario n'esse intento a vontade imperiosa de seu pae, que o impelliu bem novo á vida commercial, onde o vemos desempenhar desde o inicio, um papel saliente, já como empregado superior da casa Gould, em que se estreou, já na Companhia dos Caminhos de Ferro e de Xabregas, onde soube grangear como director, e até morrer, as sympathias e a confiança, tanto do publico como dos seus collegas e subordinados.

Durante longo periodo exerceu as funcões de addido, de consul e encarregado dos negocios dos Estados Unidos, em Portugal, havendo-se por tal modo, na epoca da guerra da emancipação dos escravos, que vemos a sua tatica e os seus serviços mais de uma vez citados e applaudidos por Montgomery no seu brilhante livro sobre Farragut.

Intelligente, instruíssimo, manejava na perfeição a mór parte das linguas, e distinguindo se sempre pelo primor da educação entre a propria roda da *litté* em que sempre viveu, Ch. Munro, era essencialmente um artista na accção levantada e psychologica da palavra, por isso que amava intensamente e acima de tudo, a verdade e o bello.

Na photographia salientou-se por tal modo como amador, que as suas produções mereceram a consagração da sociedade photographica de Londres; na musica chegou a obter entre nós a autoridade incontestada de um mestre, e em tudo que dizia respeito ás distrações do seu tempo e interessava o espirito da sua epoca, foi elle sempre considerado um dos primeiros, alcançando pela sua fama como *sportman*, e pela sua sagacidade como *dilettante*, uma reputação tal que o fez figurar em quasi todas as questões, frequentes allaz, sobre cavallos e arte de cavalgar, sobre classificações de antiguidades e apreciações heraldicas.

A avides de saber e ser util era n'elle tão innacivel, que a propria evolução da idade e o baratario do tempo apenas serviram a dar-lhe o fio das suas predileções para modificar de modo algum o zelo e a orientação do seu espirito. Assim, mesmo na velhice, mesmo carregado d'annos e sidreado pelas chimeras dos netos, mesmo depois de emergir do ambito politico onde tantos corações se asphyxiavam, mesmo influenciado pela diplomacia, tão convencional, tão pastada e tão permeada de desengana, conservou-se sempre um trabalhador e um visionario, a quem se deve entre nós, pelo seu espirito de innovações e pelo seu arrojo de iniciador, desde a primeira orchida que veio a desflegar deloubrina mór em nossas estufas, até ás mais aperfeçoadas machinas e apparatus que tanto têm servido a enriquecer e desenvolver a nossa agricultura e as nossas industrias. E como se isso não bastasse para o proclamar um benemerito dos mais sympathicos, (por isso que só serviu a espalhar benefícios e a conhecer para o bem) deixou ainda, como sua obra prima, talvez, toda feita sob a influencia d'amor, de cuidado e dos seus exemplos, sua familia adorar, ciosa das suas tradições e herdeira das suas qualidades, familia hoje enlaçada por casamentos no que ha de mais notavel pela fortuna, pelo caracter e pela generancia na nossa sociedade, e que constitue, pela uniao, pelas virtudes e pelo bom senso, um agrupamento feliz e raro de individualidades *sans taches* e *sans reproches*, da mais alta significação no commercio, nas industrias e nas altas regiões do poder.

Falleceu a 11 de Julho de 1900 na sua casa do Jardim do Regedor, com 81 annos de idade, cercado por preciosas e accumuladas recordações e por tudo que se pode imaginar de mais levantado e respeitoso, na abnegação, na coragem e tatica effectivas dos filhos que o rodeavam.

Morreu serenamente, sem torturas nem desesperos, conservando sempre a sua correção inquebrantavel, o sorriso estivo da sua bobemencia de velho, na preoccupação de flores de musica e de largos horizontes, com que sonhara a vida inteira.

Como uma grande arvore que se abate, parece engrandecer á maneira que ella decendo não declinar para a morte, divinizado pelos seus cabelos brancos, de uma brancura immaculada, sempre sereno na sua serenidade de forte, expirando finalmente como vivera, entre o amor e a adoração; abraçado aos filhos e fitando Deus. «Dread God».

JOÃO AUGUSTO MARTINS.



AVÓS

N'AQUELLA noite de inverno, chuvosa e dum frio cortante, conversavam os noivos, lá, num canto do velho salão, planejando mil coisas fantasistas, boas, suaves... juntos, palravam alegremente, rindo, rindo, como estudantes em férias. Parolavam ao mesmo tempo da futura casa, do seu «ninho», como dizia elle, com tendencias á poesia.

O casamento estava marcado para d'ahi a um mez se tanto. E reinava uma grande alegria nos noivos, ambos sempre contentes, creanças ainda. Ao meio do salão os avós, os dois bons avósinhos, ao redor da meza, de quando em quando, amorosamente, rostos illuminados, olhavam a neta, satisfeitos por ella mostrar-se de uma felicidade sadia e rara. A velha senhora, de cabellos brancos, prateados, coifa cõr de neve, costumava o enxoval, com amor e carinho, sorrindo. E o velho avô, contemporaneo da guerra do Paraguay, pacientemente, sem pressa, sem se fatigar, lia os jornaes do dia, commentando-os baixo, voz abafada.

Cahira silencio pesado em todo o vasto salão. Os noivos,

mesmo, já não falavam, olhando só, um para o outro, n'esta linguagem poderosa do olhar, eloquentemente muda...

A chuva continuava lá fóra, grossa, agora acompanhada de vento que a varria, em lufadas, zunindo telhados acima.

Os noivos, esses, mãos enlaçadas, esquecidos de tudo, dos avós, entorpecidos, estavam para ali, num langor suavemente doce. E os olhos, fitos uns nos outros, de repente ardentes, brilhavam cheios de vida promettedora...

... Estalára um beijo. O avô erguendo a cabeça, pasmo, num desejo imprevisito de castigo, perguntara á companheira:

— Ouviste?

E ella, a boa avosinha, de cabellos prateados e coifa cõr de neve, numa physionomia aberta, resplandecente, cheia de alegrias deliciosas, lembrou-se, lembrou-se do seu tempo de moça, quando tinha ainda vinte annos em flôr... N'uma reminiscencia suave, que lhe encheu os olhos de lagrimas, ao enfrentar o marido, n'uma ultima ardencia de mocidade extincta, soluçou, commovida, num suspiro constante com uma larga saudade d'esse passado que nunca, nunca mais voltaria:

— Ouvi, nós eramos assim...

Raul d'Azevedo.



O Presidente Kruger na Haya, ao ser recebido pela Rainha Guilhermina, de Hollanda

Kruger chegou no dia 6 a Haya e a 7 foi recebido pela Rainha, a quem havia mandado, ao pisar o solo hollandez, um telegramma saudando-a.

Essa entrevista, na ausencia dos ministros, realisou-se sem apparato algum official e durou vinte minutos.

Theatros

D. Maria

Apesar da má vontade de muitos e da errada apreciação de outros, tem feito longa carreira a *Armá mais velha*, que Manoel Pentead e Luiz Galhardo puzeram em excellent portuguez no theatro do Rocio.

As novidades, os imprevistos, a originalidade das figuras, o meio extranho em que decorre a acção, a forma de tratar no theatro um problema social que tantas vezes n'outros campos tem sido debatido, o desenlace absolutamente inesperado, e tudo quanto emfim encerra de analyse e de conceito a obra de Lamaitre, tudo isto põe nos espiritos uma extranheza que atinge muitas vezes o pasmo. E não é, portanto, de extranhar que um publico meridional como o nosso, habituado a ver no palco as paixões vibrarem com intensidade, ou então correr abundante o espirito, não atinja nas primeiras audições o que ha de elevado na comedia do grande critico francez, o que ha de engenhoso na forma de conduzir e a resolver a equação social posta em foco.

Depois, a peça de Lamaitre, sendo uma incontestavel obra de arte, é mais, ainda assim, uma obra de propaganda politica, que deixa, principalmente em muitos dialogos, o comediographo na sombra para prevalecer o critico. E' um brado a favor do celibato dos padres, um protesto contra certos convencionalismos sociaes e uma obra de analyse profunda, que mostra mais uma vez o vicio a triumphar sempre n'esta hypocrita sociedade moderna, em prejuizo da virtude natural e não artificiosa, do são criterio, da bondade innata, da intelligencia viva e pensante, tudo isto representado n'uma pobre rapariga: a irmã mais velha, a filha do pastor protestante, que vê as suas aspirações sempre desfeitas, sempre illudidas as suas esperanças, frustrados os seus desejos, e até roubados pelas irmãs viciosas os unicos homens que escolhera para companheiros da sua vida.

O estudo e o desenvolvimento d'esta criação, d'esta alma eleita e desgraçada, é tão nítido, tão intenso e tão alto, que elle bastaria para que todos os espiritos se inclinassem diante da obra do mestre.

Pois, na primeira noite em que a *Armá mais velha* foi á scena, os espiritos de muitos espectadores do normal patearam... perdão, os espiritos não, os pés.

Virgínia deu um bello relevo a este papel sympathetic, em que se acha perfeitamente á vontade a sua individualidade artistica; Ferreira da Silva, na interpretação do velho pastor Peterman é impecavel; Augusto de Mello, como ensaiador da peça e interprete do papel de Dursay, confirmou com exatidão e brilho esta dupla qualidade; e Maia, Carlos Santos, Cecilia Machado, Rosa de Oliveira, Amelia Vianna e Pinto de Campos, mostraram o que pode a vontade e o trabalho nas responsabilidades que exige a interpretação de personagens que o nosso meio não conhece.

Gymnasio

Duas comedias a seguir, ambas com infinita graça, é caso de que poucas vezes pode gabar-se um theatro.

Depois dos *Doidos com juizo nada mais perigoso* que pôr outra comedia em scena. Para não fracassar teria de ser mais hilarante, teria de fazer esquecer a impressão que a sua antecessora deixara. Pois esta victoria coube a *O Pelintra*, a indissimil comedia, em cuja adaptação foi o sr. Freitas Branco de uma felicidade rara, que não merece senão louvores.

São louvores? E porque não devemos dizer agradecimentos, se elles deveras cabem a quem tem o privilegio de nos fazer esquecer das sensaborias do dia durante algumas horas da noite, e afogar em gargalhadas espontaneas, francas, as indisposições de espirito ou o mau humor com que muita gente entra no theatro.

Tudo isso consegue *O Pelintra*, e para esse exito é justo confessar que pertencem não diremos as palmas academicas mas as palmas theatraes, a Cardoso e a Telmo. O sogro e o genro, o esbrevante pelintra, e o advogado paciente... por amor da mulher, são duas bellas creações, duas verdadeiras *trouailles*.

Todos os outros artistas que os acompanham no desempenho, por tal forma o completam, que o exito de *O Pelintra* logo se firmou nas primeiras representações.

Rua dos Cordes

Não ha talvez produção theatral mais do gosto do nosso publico que uma peça adornada de musica—musica bonita e de facil comprehensão—e em que haja transformações rapidas de scenario, magicas, visões, partidas que um ente sobrenatural faz a um simples

mortal com quem antipathisa; uma pedra que desapareça quando elle vae a sentar-se, ou então que augmente desmedidamente de volume; uma meza servida com as mais appetitosas iguarias, d'onde os pratos voam, e que se transforma repentinamente n'uma mangedoira; uma cama que se volta depois da victima de diabolicos sortilegios estar deitada, etc., etc., e tudo isto servindo de moldura a um quadro de amor intensissimo mas sempre contrariado por trinta mil circumstantias que os dois amantes, principaes interessados, não prevêem, mas que nós, espectadores, já advinhámos perfeitamente.

E' isto a *Maçã de ouro*, magica em tres actos e innumerados quadros que os actores do theatro da Rua dos Cordes representam perfeitamente e onde Filipe Duarte, o talentoso maestro, espalhou os productos da sua imaginação de verdadeiro artista.

Vimos e applaudimos. A empresa não deseja outra cousa senão que quem nos lê faça o mesmo. E se o fizer não se arrependerá.

Avenida

No theatro intelligentemente dirigido por Sousa Bastos, a primeira recita do *Pompon*, operetta em tres actos, de Lecocq, foi um verdadeiro triumpho para todos os seus interpretes e mais uma demonstração de quanto vale a iniciativa do conhecido empresario.

Não se pode revelar melhor gosto, mais talento na escolha dos espectadores que aquelle theatro explora. Já falámos aos nossos leitores da *Banca* e tudo o que então dissemos louvando a empresa e os artistas, podemos agora repetir.

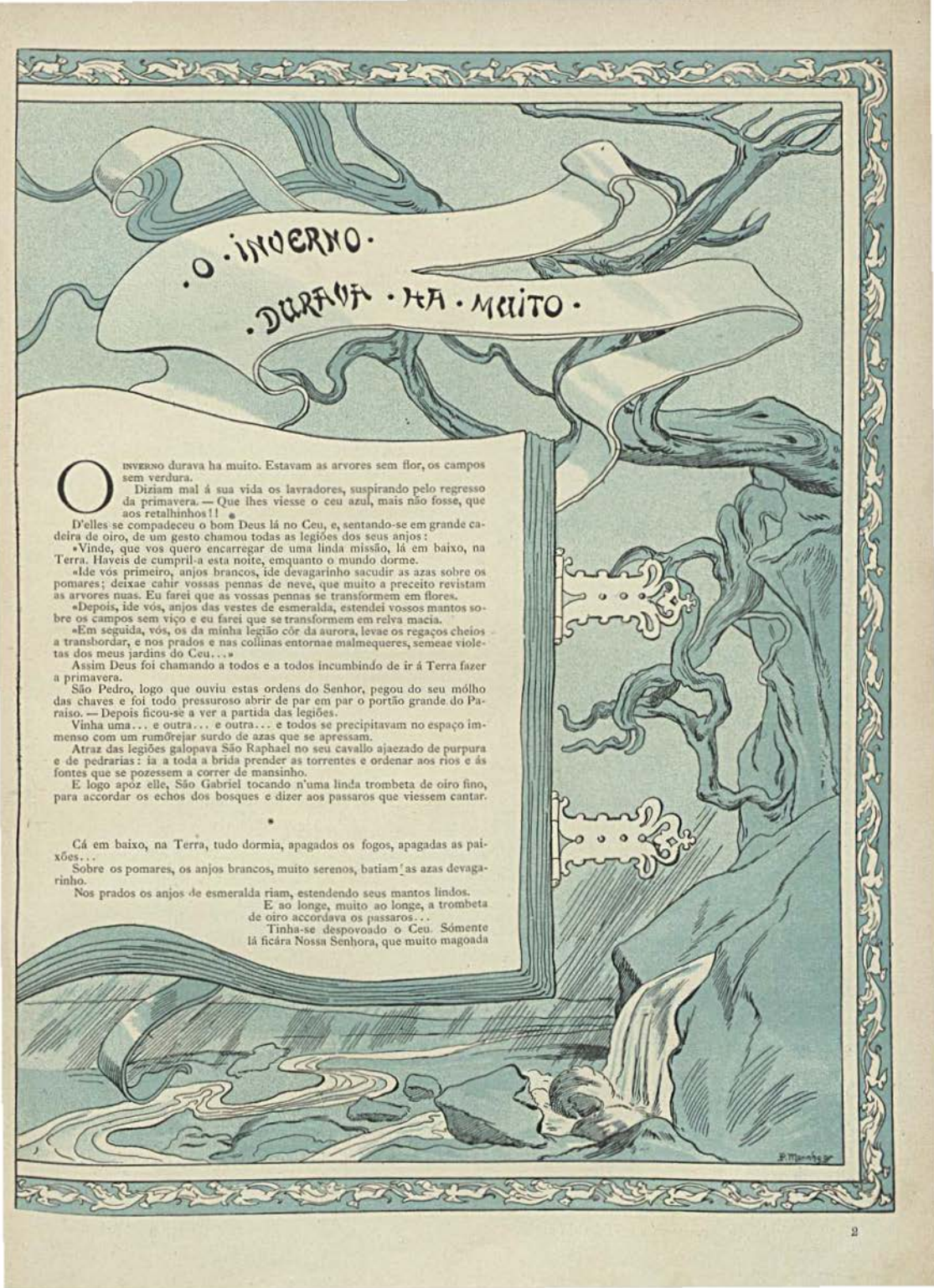
A musica do *Pompon* é deliciosa, encantadora. As operettas de Lecocq são tudo o que, no genero, ha de mais bello, mas no *Pompon* parece que o compositor, melhor inspirado, semeou a mãos cheias os primores da sua imaginação de artista por toda a partitura, que procura, e consegue-o, mercê de uma orchestração felicissima e de muito facil comprehensão, traduzir tudo o que os actores fizeram sentir e pensar.

O libretto, uma futilidade, é bem architectado, e, sem o que propriamente se chama um enredo, apresenta uma serie de incidentes bem comicos e por consequencia bem proprios para inspirar um maestro de operetta.

Para o correctissimo desempenho contribuíram todos os que tomaram parte na operetta. No seu *travesti* Palmyra Bastos foi tudo o que se pode considerar de mais gracioso, de mais proprio para despertar o enthusiasmo dos espectadores que a saudaram com prolongadas salvas de palmas. Alfredo Carvalho, no grotesco papel de vice-rei de Palermo, é o actor consciencioso e o perfeito comico que todos conhecem. Muito bem Amelia Santos, na ramilheteira e todos os mais. Na primeira, a que assistimos, foi Sousa Bastos alvo de uma manifestação do publico, que freneticamente o applaudiu. Também nós d'aqui o applaudimos calorosamente, desejando longa vida ao *Pompon* e á sua substituição, quando venha a dar-se, por obra de igual valor.



ELEONORA DUSE



O INVERNO. DURAVA HA MUITO.

O INVERNO durava ha muito. Estavam as arvores sem flor, os campos sem verdura.

Diziam mal á sua vida os lavradores, suspirando pelo regresso da primavera. — Que lhes viesse o ceu azul, mais não fosse, que aos retalhinhos!!

D'elles se compadeceu o hom Deus lá no Ceu, e, sentando-se em grande cadeira de ouro, de um gesto chamou todas as legiões dos seus anjos:

«Vinde, que vos quero encarregar de uma linda missião, lá em baixo, na Terra. Haveis de cumpril-a esta noite, enquanto o mundo dorme.

«Ide vós primeiro, anjos brancos, ide devagarinho sacudir as azas sobre os pomares; deixae cahir vossas pennas de neve, que muito a precito revistam as arvores nuas. Eu farei que as vossas pennas se transformem em flores.

«Depois, ide vós, anjos das vestes de esmeralda, estendei vossos mantos sobre os campos sem viço e eu farei que se transformem em relva macia.

«Em seguida, vós, os da minha legião cor da aurora, levei os regaços cheios a transbordar, e nos prados e nas collinas entornae malmequeres, semeae violetas dos meus jardins do Ceu...»

Assim Deus foi chamando a todos e a todos incumbindo de ir á Terra fazer a primavera.

São Pedro, logo que ouviu estas ordens do Senhor, pegou do seu molho das chaves e foi todo pressuroso abrir de par em par o portão grande do Paraíso. — Depois ficou-se a ver a partida das legiões.

Vinha uma... e outra... e outra... e todos se precipitavam no espaço immenso com um rumôrejar surdo de azas que se apressam.

Atraz das legiões galopava São Raphael no seu cavallo ajaezado de purpura e de pedrarias: ia a toda a brida prender as torrentes e ordenar aos rios e ás fontes que se pozessem a correr de mansinho.

E logo apoz elle, São Gabriel tocando n'uma linda trombeta de ouro fino, para acordar os echos dos bosques e dizer aos passaros que viessem cantar.

Cá em baixo, na Terra, tudo dormia, apagados os fogos, apagadas as paixões...

Sobre os pomares, os anjos brancos, muito serenos, batiam'as azas devagarinho.

Nos prados os anjos de esmeralda riam, estendendo seus mantos lindos.

E ao longe, muito ao longe, a trombeta de ouro accordava os passaros...

Tinha-se despoado o Ceu. Sómente lá ficara Nossa Senhora, que muito magoada

VERSOS A CORINA



MACHADO D'ASSIS

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
N'uma hora de amor, de ternura e desejo,
Unio a terra e o céo. O olhar foi do Senhor,
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;
Depois, depois vestindo a fôrma peregrina,
Aos meus olhos mortaes, surgiste-me, Corina!

De um jubilo divino os cantos entoava
A natureza mãe, e tudo palpitava,
A flôr aberta e fresca, a pedra branca e rude
De uma vida melhor e nova juventude.

Minha alma adivinhou a origem do teu ser;
Quiz cantar e sentir; quiz amar e viver;
A' luz que de ti vinha, ardente, viva, pura,
Palpitou, reviveu a pobre creatura;
Do amor grande, elevado, abriram-se-lhe as fontes,
Fulgiram novos sóes, rasgaram-se horizontes;
Surgiu, abrindo em flôr, uma nova religião;
Era o dia marcado á minha redempção.

Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:
Corpo de fascinar, alma de cherubim;
Era assim, fronte altiva e gesto soberano,
Um porte de rainha a um tempo meigo, ufano,
Em olhos senhoris uma luz tão serena,
E grave como Juno, e bella como Helena!
Era assim, a mulher que extasia e domina,
A mulher que reune a terra e o céo: Corina!

N'este fundo sentir, n'esta muda anciedade
Deixa-me ao teu fulgor, astro da mocidade,
Viver como nasceste, ó belleza, ó primor,
De uma fusão do ser, de uma effusão do amor.

Par la beauté tue
Qui l'a vue
Elle enivre et tue.

A. BRASSEUX.

Viver — fundir a existencia
Em um osculo de amor,
Fazer de ambas — uma essencia,
Apagar outras lembranças,
Perder outras illusões,
E ter por sonho melhor
O sonho das esperanças
De que a ultima ventura
Não reside — em outra vida,
Nem vem de outra creatura;
Unir um seio a outro seio,
Derramar as mesmas lagrimas
E tremer do mesmo enleio,
Ter o mesmo coração
A mesma vida viver
Tal era a minha ambição.

D'onde viria a ventura
D'esta vida? Em que jardim
Colheria esta flôr pura?
De que solitaria fonte
Iria esta agua beber?
Em que incendio horisonte
Poderia meus olhos ver
Tão meiga, tão viva estrella
Abrir-se e resplandecer?
Só em ti: — em ti que és bella
Em ti que a paixão respiras,
Em ti cujo olhar se embebe
Na illusão de que deliras,
Em ti que um osculo de Hebe
Teve a singular virtude
De encher, de animar teus dias,
De vida e de juventude...

Amemos! Diz a flôr á brisa peregrina,
Amemos! diz a brisa, arfando em torno á flôr;
Cantemos esta lei e vivamos, Corina,
De uma fusão de ser, de uma effusão do amor.

Lord Byron em Cintra

Heine, na puerícia, imaginava existirem creados, que vinham, todas as noites, enrolar os tapetes esmeraldinos dos campos como se enrolam as alfombras das salas, despendurar o sol, arrear as arvores n'um armazem, e que, na manhã seguinte, repunham tudo nos sitios proprios, escovavam os prados, espanavam as arvores e reacendiam a lampada celeste. E' Gerardo de Nerval quem descreve esta visão infantil do Orpheu germanico. Até este principe da bohemia se não livra d'essa obsessão, quando assevera que destructaria melhor o aspecto de Baden, do seu valle e das suas montanhas, «se o bom Deus tivesse o cuidado de accender convenientemente o lustre e de illuminar os bastidores com os seus bellos raios de estio.» Nerval foi tambem victima d'essa tendencia a ver decorações scenographicas, onde ha simplesmente a natureza, porque capitulou de artificiaes as paisagens da cidade grã-ducal. As arvores pareceram-lhe recordadas, as casas pinturas a fresco, os montes vastissimas telas encalhadas, ao longo de cujos trilhos desciam os camponeses. E elle procurava investigar, se, nos ultimos planos, não havia alguma mancha de tinta, que trahisse, alfin, a mão do homem e dissipasse a illusão.

Se fosse permitido citar o minimo junto aos maximos, diriamos que, para nos, tambem Cintra apresenta o pompadorismo campestre, o rustico metaphorico das pastoraes floriscantes, e que suas montanhas e seus vales, arredondando-se com curvas graciosas de grinaldas, aguram-se-nos pinturas scenicas, traçadas segundo as regras indefectivas dos tratados de geometria descriptiva, applicada ás decorações theatraes. Tem vagos aspectos das grandes scenographicas, illuminadas por jogos de luz de um loiefullerismo impressionante; radia em quadros inflammandos, grandiosos, de uma realisacão surpreendente, que nos trazem á idéa a gala megalica senhada por Paulo de Saint-Victor — um banquete de raridades e de joias servido em pratos de ouro á Imaginação por Genios arrodilhados.

Como Cintra é encantadora, quando o sol primaveril, á guiza de um *touriste* matutino, corre pelas serras e lacera o véo de neblina que as toca, ao mesmo passo que os perfumes sublis fazem suppor que se desatarão mil ramilhetes de flores e se destaparam mil frascos de iris! Como é encantadora nas tardes quentes de Junho, quando a luz desfallece na atmosphera, os passaros tenorizam nos ramos e as borboletas se embriagam com a espuma aerea das seivas! Como é ainda cheia de encantos sob o pallido cariz de Outubro, quando o sol doira a ferrugem das folhas que morrem, voltando nos rodopios da agonia! Que de feitiços existem debaixo das sombras azuladas da quinta do Relogio, escutando-se o papear das aves e a canção fresca do repuxo! Que de feitiços existem sob a copa das arvores dos Piaçes, que parecem segredar-nos os versos de Bernardim Ribeiro e de Byron, como as aguas do Bello Danubio Azul murmuram os versos de Heine e as valsas de Strauss!...

Na sação vernal, Cintra é bella em qualquer momento: é bella sob os incendios da aurora, é bella sob a gloria flamejante do sol no zenith, é bella quando este astro muribundo não é mais do que um segmento de fogo na linha dubia do horizonte, é bella quando a natureza põe seu vestido de silencio e a lua espalha sua claridade gelida e espectral. Ah! Passar quinze dias em Cintra é passar quinze dias no Paraizo. Ah!, dir-se-hia que os minutos se immobilizam no relógio das felicidades.

Os inglezes adoram o veraneio no dilettantismo bucolico de Cintra. Adoram n'ò, sobretudo, os inglezes, cuja alma, terna como o lyrismo lakista, se melancolisa de nostalgias e se sente empolgada pelo achaque aristocratico, que a nostalgia mundana averba de *blue-vein*, pelo tacturno Mephistopheles das Margaridas insulares — o *spicen*. Fendemos a crer que são os britannicos que mais e melhor apreciam as bellezas eloquentes do parque da Pena — essa aguarella viva; as seduccões fagueiras da pittoresca estancia de Monserrate, em que se parece descançar na paz somnolenta de um convento immenso; os attractivos da thebaidaisinha dos Capuchos, immersa n'uma poesia melancolica de quietação flamenga — um digno habitaculo de recoletos; o mysterio prestigioso das quintas umbrosas, onde o cair das sombras põe doçuras idyllicas, os modinhos da philomela recordam os do rouxinol de Verona, e os beijos furtivos dos amantes devem ter o sabor dos heliotropios e a melodia das cavatinas... Lord Byron visitou Cintra no anno de 1809. Chegou a Lisboa a 7 de Julho no paquete *Princesa Isabel*, que trazia duas malas do correio e gastara cinco dias no trajecto; e retirou-se a 17 do dito mez, atravessou o Tejo em direitura a Aldeia-Galega, montou a cavallo e abalou para Sevilha (?). Acompanhavam-n'ò, entre outros creados, o seu inscparavel Fletcher, o mesmo que lhe recebeu o ultimo suspiro na Grecia, em 1824, onde fora sacrificado saude e fortuna nos altares da independencia hellenica, onde, na phrase rotunda de Castelar, cahiu sob a bandeira da liberdade, como Catão e como Bruto na sombra da republica, e onde os hellenos, agradecidos, guardaram seu coração n'uma urna de crystal e executaram, em torno do seu esqueleto, as cerimoniaes augustas dos funeraes de Achilles. Georges Noel Gordon Byron contava apenas dezoito e um anno de idade, quando chegou a Portugal. Dispunha de

consideravel riqueza, que elle geria e digerira a seu bel-prazer. As inclinações inexplicaveis e vehementes do seu atavismo e as emoções da sua sensibilidade haviam-n'ò impellido aos desregramentos exhaustivos. Mercê da mysteriosa alchymia do dinheiro, levava até então uma vida airada, *une vie d'enfer*. Em Cambridge praticara loucuras inconcebiveis. A Newstead-Abbey accorria um bando parasitico: as mais salientes figuras das tabernas londrinas, as mais cotadas actrices da Opera o do King-Theatre, as bohemiãs do prazer, os estroinos e os poetas. Ah!, estrugiam as canções da bebedeira, engulipavam-se os licores loiros e o velho Borgonha por um craneo montado em prata, circulava abundante a cerveja — esse fresco sorriso do lupulo, havia a convivencia aspera de plantigrados e de simios ameistrados pelo dono da casa, a alegria rebentava indomita com a deflagração de duas electricidades hostis. Na *struggle for women* demonstrara, copiosamente, que seus amores não constituíam simples caprichos epidemicos, simples affinidades electivas de duas cellulas.

Cançado da existencia vagabunda, aborrecido do isolamento em que se encontrava, porque, até para entrar na camara alta, onde tomara assento ao lado dos *whigs*, não achou ninguém que o introduzisse na sala, resolveu ausentar-se para o estrangeiro. Durante esta viagem esteve em Cintra, sobre cujas paisagens lançou a purpura esplendida das suas rimas. Uma lenda, muito repetida, conta que Byron morou e escreveu o primeiro canto do *Childe-Harold*, no palacio de Monserrate. Ora este palacio estava em ruinas na occasião em que elle admirou *Cintra's glorious Eden*, e a lenda é, portanto, insubsistente. O genial poeta compoz o primeiro canto d'aquelle poema na casa em que está agora o hotel Lawrence. Fundado em 1780, pertence originariamente a uma velha irlandeza. O inglez Galloway, antigo proprietario da quinta dos Piaçes e viuvo da filha do capitão-mór de Cintra, cavalleiro que falleceu ha doze annos e contava novena de idade, conheceu perfeitamente a irlandeza, a qual lhe referiu que tivera a subida honra de alojar Lord Byron n'um quarto da sua hospedaria. Esse quarto fica no fim do corredor do segundo andar, á esquerda, e tem duas janelas para o Poente e uma para o Norte. Contou-nos a actual proprietaria, que, quando sua mãe adquiriu o hotel, havia n'aquelle quarto um vidro de janelas com a palavra *Byron* gravada a diamante, e que, dando-se credito á tradição, fóra o proprio poeta que a tracara. As vidraças saillias foram substituidas por outras modernas, e houve um inglez que pediu insistentemente para levar, e realmente levou, a que tinha o nome do seu illustre compatriota.

Desconfiamos que a esta casa anda ligada outra recordação. Supponmos que d'ahi sahio o enterro da irlandeza phytica, descripto por Beckford nas suas interessantissimas cartas (?), enterro que elle acompanhou, pegando ás argolas do caixão o marquez de Malivalva, o S. Vicente, o velho fanhao conde de S. Lourenço, o visconde de Asseca, o capitão-mór de Cintra e o juiz.

Foi, pois, n'aquelle residencia, que Byron pennejou — com suas mãos brancas, pequenas e bem feitas — os versos do primeiro canto do *Childe-Harold*, poema em que elle se pinta tal qual desejava ser, embora protestasse sempre, tanto em particular como em publico, contra o facto de o identificarem com o seu heroe. *Childe-Harold* é a poesia viva e pessoal, é a obra que explica melhor o temperamento e a idiosyncrasia do auctor do que os explicaria o mais arguto biographo. A inspiração calidissima da primeira *maneira* de Byron cederá lugar, mais tarde, ao azedume, á ironia, ao sarcasmo frio e cruel.


De volta á patria, o fervido adorador das musas lança-se na vertigem do *high-life*, segue na pegada de Brummel, quer imitar o principe de Galles e ser o primeiro *gentleman* da Europa, disputa os loiros aos dictadores do famoso club Watter, refaz as theorias da Moda, corrige o manual do dandysmo, funda escola. A sociedade critica-lhe suas seduccões exteriores e seu gosto pelas superfluidades, como outras tantas taras e vicios redhibitorios; mas a sociedade vae-lhe copiando o formato impecavel das botas, o corte genuino da casaca, a linha severa dos collarinhos opulentamente engravados, os frisos regulares do cabelo, o gesto cordial, as maneiras de grão-senhor. Entremetidos, suas poesias sagram-n'ò grande homem, isto é, abrem-lhe a conta-corrente com a posteridade.

Hoje, como nos tempos de Beckford e de Byron, as bellezas cintrenses ostentam as mesmas graças ledissimas, enlevam indigenas e forasteiros. É que a Natureza, indifferente ás nossas existencias ephemeras, continua-se sem descanço, renova suas estacões, espalha sua seiva, não esgota sua fecundidade; e nós somos simples actores momentaneos, e presto esquecidos, de uma peça interminavel.

PINTO DE CARVALHO (INOP.)

(1) Alberto Telles. *Lord Byron em Portugal*.

(2) Carta XVIII, de 29 de agosto de 1787.



e triste se foi ter com o bom Deus e lhe disse d'esta maneira:

«Senhor, quanto me peza que te esquecesses de mim! A todos incumbiste de tantos recados e só de mim te olvidaste! Quanto me peza, Senhor!...»

E a boa da Virgem Santa, dos seus negros olhos deixava correr duas lagrimas.

«Maria, como te enganas!... Para ti foi reservada a melhor incumbência. Ora ouve,... amanhã estará em festa a natureza, devem também estar em festa os corações.»

«Desce, minha filha, desce lá abaixo e com o teu sorriso meigo, passando através os sonhos dos que dormem, dispersa a tristeza, desfaz a mágoa, apaga o odio. E mais... quero que leves hoje às mães os filhos que lhes prometti. Vae Maria, realiza o seu ideal. Leva-lhes os seus meninos no teu regaço.»

E tendo fallado assim, o bom Deus logo mandou recado á Lua que fizesse de seus raios imaculados um caminho muito macio para a Virgem descer á Terra; logo disse também ás estrellas que se juntassem todas e a fossem acompanhando em grande cortejo de luz discreta.

Nossa Senhora já não chorava; toda Ella era alegria! Preparou-se muito bonita com o seu vestido mais novo e com o grande manto azul que era todo bordado a prata.

Depois, como não lhe soffresse o animo partir sem mais uma vez abraçar o seu Menino Jesus, encostou-se ao berço e deu-lhe um beijo, muito ao de leve, para o não acordar, cotadinho!... E deixando-o muito bem acondicionado, foi-se á estrada dos raios da Lua.

No seu manto já levava algumas das almitas brancas que o Senhor lhe confiara. De vez em quando, apertava-as muito contra o peito, temendo que o ar frio da noite as trespassasse.

Cá por baixo andou toda a noite cumprindo a sagrada missão: abençoava, sorria e passava adiante; depois, mais longe, tornava a abençoar e a sorrir.

Abria as portas das choupanas, abria as portas dos palacios e nos côcos dos pés, sem fazer barulho, com ares de grande mysterio, ia deitar os meninos no lado das mães adormecidas. E aqui deixava uma criança loira, alli outra de cabellos pretos, e todas rosadas da cor que haviam tomado do santo calor do seu peito.

A noite ia quasi finda e quasi finda também a tarefa que o bom Deus ordenara.

A Virgem Mãe e os anjos tanto se afadigaram a cumprir-se que ao romper da madrugada já sentiam grande cansaço em seu corpo, e pouco a pouco foram voltando ao Ceu.

Primeiro os anjos brancos com as suas asas doloridas, em seguida os anjos de esmeralda a tremerem de frio sem os seus mantos; São Raphael no seu cavallo ajaezado de purpura e de pedrarias, e depois os outros todos e no meio d'elles Nossa Senhora, que apesar de ter espalhado tantos sorrisos, ainda tinha no olhar o mais meigo e o mais suave.

Deus sentado na sua cadeira rica das occasiões solemnes, via chegar os anjos e pensava de si para si:

«Está bem, agora que venha o Sol; o mundo pôde acordar.»

Mas os anjos, como que adivinhando-lhe o pensamento, gritaram a um tempo:

«Senhor, Senhor, falta ainda São Gabriel, que foi chamar as andorinhas! Falta São Gabriel! Jesus! E o Sol vae romper! A primavera sem passaros!!!»

E logo todos debruçados na grande janella do Paraiso e o Senhor muito preocupado, olhando para o horizonte com o seu melhor oculo de augmentar.

«Lá vem...»

As Gazetas da Hollanda



Alfredo Mesquita

Entre dois números do programma das festas com que a imprensa hollandesa recebe os jornalistas estrangeiros convidados para a solenne inauguração do reinado de Guilhermina de Orange, Van Waalwijk, o amavel vice-presidente do Comité de recepção, não consente que eu gaste mais de um quarto d'hora em mudar de vestuario, e quer que o acompanhe a casa de Lucas Bols, que nos está a dois passos, e é uma das boas coisas curiosas de Amsterdam. E se a casa é digna de ver-se, mais digno é de ser provado esse licor que a tornou famosa.

Em meia dúzia de linhas se descreve a casa de Lucas Bols e se faz a sua otheia historica. Mas só num poema, ou num tratado completo de destillação divina, seria possível contar as maravilhas que gosa um paladar apurado quando saboreia a pequeninos gólos, com estalinhos humidos na lingua, um calice do seu curação ou do seu anis.

A destillação, das aguardentes e dos licores de Bols data de 1575. A exploração d'esta industria começou numa installação muito primitiva, uma modestissima barraça de madeira situada perto das fortificações de Amsterdam. Eram então prohibidas, rigorosamente, as industrias do alcohol dentro de barreiras.

Quando, em 1612, se alargou a area da cidade, o terreno onde estava a fabrica de Lucas Bols achou-se comprehendido na nova circumscripção, e o Burgomestre concedeu licença para que este honrado cidadão continuasse a exercer, no mesmo local, a sua modesta industria.

Mas já os licores de Bols entravam a ganhar fama. A marca da sua fabrica adquiria prestigio no commercio das bebidas espirituosas. E dentro de pouco tempo viu a cidade levantar-se, no ponto d'onde desapparece a barraquinha de madeira, um osado edificio de vastas proporções, todo em tijolo e cimento.

Da primeira installação restava apenas o nome, em hollandez — *'Thootje* — que a grande fabrica ainda hoje conserva.

Não lhe faltou depois a concorrência de outros fabricantes, entre elles Focking — o da genebra; mas tão digna e inconfundivel soube sempre manter-se a tradição dos licores de Bols, que a concorrência nunca lhe fez danno.

A' testa da fabrica esteve sempre um herdeiro directo do nome e da fama d'esta dynastia de licoristas, até que em 1815, quando da familia de Lucas Bols só restavam mulheres, a razão social soffreu uma ligeira modificação, passando de — Filhos de Lucas Bols para — Herdeiros de Lucas Bols. Mas só a razão social foi alterada. O licor, esse, ficou sempre o mesmo!

Eu não sei quem foi o viajante que, tendo percorrido o mundo, levava o exagero do seu enthusiasmo pelos encantos de Naples no ponto de olhar:

— «Ver Naples, e depois — morrer!»

O que eu sei é que, a respeito do licor de Bols, depois de elle sorvi o primeiro calix, na sua origem, junto ao balcão da sua sede, aqui, em Kalverstraat, não encontro maior força de expressão para o merecido elogio de tão divina bebida, senão dizendo que, para d'elle tomar outro calix, eu pediria a Deus que me matasse já, se da sua suprema vontade fosse que esse licor só tornasse a passar-me pelos labios á hora da minha morte, na extrema-unção!

Nas outras casas de bebidas onde eu já tinha entrado, havia uma permanente aglomeração de gente, tão empilhada, e toda envolvida numa tão densa camada de fumo de tabaco, que em nenhuma d'ellas me appetecera abancar com demora.

O hollandez frequenta por habito estas casas — cafés e botequins — para descansar e ver a multidão que circula, aos encontros, na rua estreita. Com os cotovelos solidamente apoiados sobre a mesa, o cachimbo requintado, bem atulhado de tabaco e bem preso entre os dentes, numa granadina attitude de dogue que agarrou um osso e não quer largar o, o labio inferior estendido ameaçadoramente — este hollandez tem o ar de quem diáfrecta com impertinencia uma boa rezaia democratica, perante as aristocracias europeas, altonitas.

O humo que sae de todos estes cachimbos, em rolas negras como de chaminés de machinas, e se desdobra no ambiente d'estas casas, é tanto e tão espesso, que quasi justifica o desprante com que um joven diplomata hespanhol, que conheci em San Sebastian, me descrevia o abuso do tabaco que presenciara na Hollanda.

— «Fuma-se tanto na Hollanda, mas tanto, tanto, que é impossivel distinguir a physiognomia das pessoas que se encontram a fumar num botequim...»

E perguntando eu, então, como se encontravam nessas casas as pessoas conhecidas que ahí se davam *rendez-vous*, sem pestanejar elle explicava:

— «Em todos os cafés, todos os botequins, todas as casas de outras da Hollanda ha umas folles penduradas na parede; e quando vem algum procurar qualquer pessoa que se suppe encontrar-se ali, vae-se assooprando o fumo da cara de cada um, até se descobrir a pessoa que se procura!»

Em casa de Lucas Bols, quando Van Waalwijk me convidava a repouzar dois minutos em sua amavel companhia, somos nós as unicas visitas.

Os successores directos de Lucas Bols, seus representantes na terra, perpetuadores da memoria do supremo licorista, que deve ter ganho o céu, recebem os seus consumidores como quem recebe visitas de muita estima, com tão affaveis maneiras, que vão até ao diavolo.

A sua loja é bem uma sala de visitas, sala hollandesa do seculo xvi, mas d'uma tão cuidadosa conservação de estofos, de metes, de porcellanas, que parece terem sido recentemente da fabrica o velado verde que recobre as cadeiras de carvalho, os pratos de Delft que guarnecem a larga chaminé, o tapete vermelho que amacia o chão, os candelabros de cobre applicados á parede forrada de couro...

Van Waalwijk colloca-me então no embarço da escolha do licor que ha de tornar para mim mais agradável ainda estes poucos instantes de confortavel repouso.

E enumera...

Tenho curação vermelho, curação branco e curação verde. Tenho anisette verde, anisette branca e anisette vermelha. Tenho aguardente de Dantzic e aguardente do Cabo. Tenho kummel crystallizado e kummel não crystallizado. Tenho crème de cacao e tenho crème de banuilha. Tenho Maag-bitter e tenho Pommerans bitter. Tenho genebra de Schiedam e tenho perico de Amsterdam... Tenho tudo isto e tenho mais ainda!

Enquanto Van Waalwijk me vae cantando ao ouvido a musica d'esta tentação, capaz de perverter o mais austero presidente da mais austera sociedade ingleza de propaganda contra o abuso das bebidas alcoholicas — as meninas dos meus olhos, enlanguescida, bailam amorosamente em toda a volta da casa, saltitando de frasco em frasco e de botija em botija; ora pousando, hesitantes, de rolha em rolha; ora borboleteando, desviradas, de gargalo em gargalo, roçando pelos rotulos e pelas etiquetas a fimbria acariciadora do seu vestido curto. Cada uma das meninas dos meus olhos é qual outra Cléo de Mérode, que desandou e não para... E a visdo de cada uma d'ellas, quando as illumina o reflexo limpo dos vidros de licores — diamante liquido, rubi fundido, esmeralda destillada — é a visdo da Loie Fuller, na metamorphose nova, voluptuosa, fulgurante, do cacharole!

Decido-me, afinal, pelo curação vermelho. E para não perder tempo, aproveito este momento de socego em que me encontro evagando com um dos primeiros jornalistas da Hollanda, e faço derivar o dialogo, facilmente, sobre o assumpto profissional.

Van Waalwijk tem visado muito, tem visado muito, e conhece bem o mecanismo da imprensa periodica nos paizes que tem percorrido. Elle me poderá informar, melhor do que ninguem, a respeito das particularidades que assignalam os processos intimos do jornalismo hollandez. Elle me dirá como se fazem, como vivem, e que influencia tem, nos destinos internos e nas relações externas do pais, as gazetas da Hollanda, estas famosas gazetas que datam de 1617, e que já tanto preoccupavam o Principe da Opereta...

Duqueza veja o que se diz nas gazetas da Hollanda!

Interrogoo; e é o resumo das suas respostas que eu aqui te envio.

A extracção dos jornaes hollandezes é muito limitada. Não as fronteiras do pais que a limitam; limita a propria lingua. E mesmo dentro do dominio territorial e do dominio da lingua, essa extracção é mais limitada ainda, pelo conhecimento que ha, e muito generalizado, do francez, do inglez e do allemão; de sorte que muitos dos grandes jornaes estrangeiros encontram aqui avultado numero de leitores, em detrimento das gazetas nacionaes.

A população inteira da Hollanda eguala apenas a de Londres! E assim se explica o facto de serem excepcionaes as folhas que conseguem cobrir com a receita da sua venda as despesas da sua produção — redacção, composição, papel e impressão.

A grande receita, a receita compensadora, vem lhes dos annuncios. Não ha jornaes subsidiados pelo Estado, nem por particulares com intenções particulares, nem pelos cofres da Policia...

Van Waalwijk conta-me um caso que me parece inteiramente novo em materia de prohibição jornalística.

O director do *Algemeen Handelsblad* foi procurado, um bello dia, no seu escriptorio, por um cavalheiro francez de correcto porte e aspecto grave, que para maior confiança inspirar se apresentava munido de excellentes recommendações, e se locuava corrector de fundos.

O motivo da visita d'este cavalheiro ao respeitavel director do grande jornal hollandez era apenas o seguinte: viera de Paris a Amsterdã, expressamente para offerecer os seus prestimos á redacção do *Algemeen Handelsblad*, que era o seu jornal predilecto, pelo qual nutria, desde longa data, uma viva sympathia. Elle era, para o *Algemeen Handelsblad*, uma especie d'esse amigo desconhecido, desinteressado, carinhoso, que o nosso *Diario de Noticias* encontra ahi no seu — Constante Leitor. Elle acompanhava, dia a dia, embora de tão longe, todos os movimentos de progresso, que aquelle periodico modelo realisava. Não lhe passava despercebido um só dos profundos melhoramentos que essa folha ia introduzindo na sua larga factura...

O respeitavel jornalista de Amsterdã escutara, sem commoção, os calorosos protestos do francez, deixando-o falar tanto quanto elle quiz. Prudentemente, abotoara-se, e dispoeira-se a ouvir e calar, até ao fim.

Quando o francez parou, como photographo a que acabasse a corda, o director do *Algemeen Handelsblad* baixou a cabeça levemente, como quem faz menção de agradecer, embora sem ter de quê... E perguntou então se, além d'aquella tão inopinada declaração de amor, que acabava de ouvir e que muito o penhorava, a qualquer outro motivo poderia attribuir a honrosa visita?

Desconceriado, o corrector de fundos falou então com o coração nas mãos. Abriu-se. Disse tudo. Uma viva ambição o trouxera ahi: ser em Paris o correspondente financeiro do grande jornal de Amsterdã!

Adivinhou o resto o jornalista hollandez; mas quiz ver até que ponto iria o deplante do illustre corrector, e sacrificou-lhe alguns minutos mais. Começou por observar-lhe que uma correspondencia exclusiva financeira de Paris não era coisa que trouxesse consideravel vantagem para o seu diario... Depois, como o francez insistisse em mostrar todas as vantagens que imaginara, o jornalista mudou de tactica. Mesmo admitindo todas as vantagens, havia uma difficuldade que o jornal não poderia vencer de prompto: achar verba no seu orçamento para retribuir condignamente o serviço d'um tal correspondente...

Puro engano! Elle, corrector, não fazia questão de honorarios. Os honorarios, para elle, eram até coisa muito secundaria. Nem se falaria d'isso! O que elle queria era ter a honra de servir o *Algemeen Handelsblad*, intitular-se seu collaborador, ser um dos seus correspondentes!

Mas o hollandez não se dava por vencido, nem sequer por convencido da sinceridade d'aquella declaração. Lá lhe parecia pouco, para um corrector de fundos, o comentar-se apenas com a honra de colaborar no seu jornal. Até que o francez, vindo ás do cabo, se explicou melhor. Uma vez admitido nas boas relações do conceituado diario de Amsterdã, immediatamente lhe seria facil o accesso a uma situação no mundo da fiança, que lhe dêsse entrada no segredo dos deuses. E assim serviria melhor os seus interesses, ao mesmo tempo que poderia fornecer ao jornal uma preciosa informação!

A proposta foi aceite em principio; mas quando iam a entrar nos detalhes, e o corrector perguntou quaes eram os valores de bolsa de que não deveria occupar-se nas suas correspondencias, bruscamente o director do *Algemeen Handelsblad* levantou-se da sua ampla cadeira de braços, e dando a entender claramente que punha ponto na conversa, disse:

—Meu caro senhor, vejo que se enganou de porta. Posso mesmo dizer-lhe que perderá o seu tempo indo bater a outra, na Hollanda. O cavalheiro não encontrará um unico jornal hollandez onde lhe seja permitido escrever uma linha de reclame financeiro — nem sequer entre os annuncios! —
—Mon Dieu, que vous êtes honnêtes en Hollande! exclamou o corrector de fundos.

E pegando no chapéu, fez o que de melhor tinha a fazer, saindo.

O director do *Algemeen Handelsblad* não exagerava a verdade. Tudo quanto possa exercer influencia nas cotações da bolsa só apparece nos jornaes hollandezes com a assignatura de um cidadão ou a firma de uma sociedade.

D'uma vez que na secção de cotações de um d'estes jornaes se commetteu uma ligeira irregularidade, o empregado, muito subalterno, que a praticara, foi posto na rua, sem apello nem agravo.

Por uma praxe profissional, que se me affigura excessivo de escrupulo, os jornalistas hollandezes não apparecem na Bolsa, para evitar suspeitas!

A venda dos jornaes avulso não se faz nas ruas; apenas nos kiosques e nas estações dos caminhos de ferro.

Não se procura augmentar as tiragens, explorando a noticia de sensação, menos ainda o escandaloso. O que se quer é noticia séria, de confiança, que não possa provocar o mais ligeiro desmentido, a mais pequena suspeita. Não se dá curso a méros boatos.

O que se passa nas sessões das duas Camaras, dos Estados Geraes, nas Comissões, no seio do Governo, tudo isso é contado d'uma maneira imparcial, absolutamente correcta.

Nos jornaes que se preoccupam menos com a grande massa dos leitores, e que fazem politica, entre estes os orgãos das facções clericas, nunca se faz emprego abusivo de expressões na critica dos actos dos adversarios. A polemica é sempre leal; a controversia sempre delicada.

Nas pallidas discussões politicas da imprensa hollandesa, quasi sempre em torno de um assumpto byzantino, raras vezes se attinge a individualidade de um estadista, menos ainda se allude a qualquer forma nova de governo. E como succede não haver exemplo de ministro: que demittisse um funcionario por não concordar esse funcionario com a politica partidaria do ministro; e como succede ainda que os ministros não costumam agradecer os seus amigos politicos com empregos e benesses que de direito devem ir para outros, — muito limitado é o numero de interesses particulares em jogo dentro do mechanismo da publica administração.

Na informação dos tribunaes, no relato dos casos judiciaes, observam-se as regras da melhor prudencia, sobretudo com respeito a questões de caracter privado. Não se faz menção de processos de divorcio, nem de litigios que só interessam á visinhança de escada das partes litigantes. Só quando o julgamento se dá em circumstancias muito excepcionaes e é deveras notavel debaixo de algum ponto de vista juridico, é que a imprensa lhe abre o registro das suas columnas.

Nem noticia de suicidios, nem de casamentos, nem de baptisados. A intelligente creança que fez exame de instrução primaria aos sete annos de idade — caso tão frequente entre nós — ou não existe aqui, ou se existe não fala d'ella os jornaes.

Baldamente procuro nestas folhas qualquer secção equivalente aos nossos Casos do Dia, as nossas Noticias da Arcada, que nos jornaes portuguezes occupam o melhor espaço da primeira pagina, em seguida ao fundo. A população da Hollanda não se interessa absolutamente nada pela vida intima dos ministerios, nem se importa com o expediente das secretarias.

O Binnenhof, que é a sede das principaes instituições administrativas, conserva-se ao abrigo da reportage devastadora. A conveniencia dos serviços levantou um dique em volta das repartições, e esse dique na sua guarda da imperfeição dos informadores.

Não ha exemplo de um funcionario reprehendido ou demittido por inconfidencia.

Os negocios burocraticos seguem todos os seus tramites, sem que d'elles transpire a mais ligeira noticia, até que chegam á sua conclusão, só conhecida pela publicidade da folha official.

A inconfidencia, que é a móda real da moderna reportage, não faz parte dos processos jornalisticos da Hollanda. Na informação official, sobretudo, observa-se o maximo rigor. As communicações feitas á imprensa, do que se passa nas regiões officiaes, trazem todas um cunho de authenticidade tal, que sobre ellas podem os interessados encaminhar os seus passos e dirigir as suas pretensões com absoluta segurança.

O extracto das sessões dos Estados provinciaes, dos Conselhos communes, das Camaras de commercio, das Juntas escolares, das Assembleas de diversa indole, é tudo quanto se pôde exigir de mais perfeito neste ramo de tarefa jornalistica.

O serviço do Estrangeiro é primoroso. Os correspondentes dos jornaes hollandezes nas grandes capitães da Europa e da America são recrutados no corpo das proprias redacções. A deferencia da escolha é sempre como que o premio dos bons serviços prestados ao jornal pelo redactor escolhido.

As correspondencias das Colonias são verdadeiras obras de patriotismo, incumbidas a jornalistas que só cuidam de desempear uma elevada missão em beneficio do seu pais.

As questões de sciencia, de litteratura, de arte, encontram na imprensa da Hollanda um vasto campo de debate, alternando com os mais importantes assumptos da politica, do commercio, da industria, da vida nacional, em summa.

Generosamente, sob a flamma rutilante de uma inteira liberdade, os jornaes facultam as suas columnas a quem queira pugnar pelos seus proprios interesses, ou servir-se d'elles para proclamar opiniões proprias, muitas vezes oppostas ás opiniões que a redacção defende. A secção dos communicados nas folhas hollandezes é das mais interessantes e das mais symptomáticas.

Quando acontece haver, depois de feita a ultima tiragem, alguma noticia deversas importante, as empresas dos grandes jornaes fazem imprimir pequenos supplementos, e — liberalidade surpreendente! — mandam distribuir de graça, em avultado numero, em profusão, tanto quanto possível, pelos hotéis, pelos cafés, pelos clubs, pelas tabacarias, por todos os pontos de reunião...

ALFONSO MESQUITA.





«Vejo um ponto negro muito ao longe...»

«Nada, não é...»

«Mas, reparem bem...»

«Por mais que se olhe...»

O alarido era tanto que até Nossa Senhora foi ver se o seu Menino não teria acordado.

Emfim ao cabo de longos momentos de ansiedade ha um grito de alegria na grande janella do Paraizo; o Senhor descança.

Lá no extremo azul apparece o anjo, sempre tocando na trombeta de ouro fino, e atraz d'elle, em bandos grandes como as nuvens, os passaros que veem fazer os seus ninhos e cantar as suas canções nas arvores que já floriram.

Veem as andorinhas, veem as alveolas, veem os rouxinões... e até vem o cuco.

Alleluia! Alleluia!!

Agora sim... Venha o Sol resplandecente e acorde a humanidade. Acordem os lavradores, acordem os corações, acordem as mães que esperavam os seus meninos, e todos á uma bendigam o Senhor que lá do Ceu os abençoa n'um bondoso sorriso paternal.

Bitzelga. Março 1900.

RACHEL DE CASTRO.

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Text. e caps.: Companhia Nacional Editora

Largo do Candeário, 30

Paginas supplementares: Off. do Escrivão Nunes & F.ª

Rua d'Assumpção, 18 a 20

Romance: Typographia Castanheiro

Cajadas de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loriz Tavares

Editor
Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua Ivens, 32
LISBOA
Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno	4\$200	Anno	6\$000	Anno	8\$000
Numero	2\$500	6 mezes	3\$500	6 mezes	4\$500
		1 mezes	2\$000	Numero avulso	3\$500
		Numero avulso	3\$500		

SUMMARY

Barão do Rio Branco.

As tragédias do amor—Jayme Victor.

A questão do Orpákok—Lógica entre o Brasil e a França

—Mapa do territorio, segundo a decisão do tribunal de

Berne—Explicação do litigio.

O regresso do presidente da Republica Brasileira ao

Rio de Janeiro, da sua viagem ao Rio de Prats

Charles Alexandr Munro—João Augusto Martins.

Ayos—Paul d'Arcevo

O presidente Kruger na Haya, ao ser recebido pela

sra. Guillermina, da Hollanda.

Tissot.

O inverno durava ha muito—Fachel de Castro. (Ilustra-

ções de Velho Salgado, a cores.)

Vinhos e Cortina—Mochado de Assis. (Brasil.)

Lord Byron em Cintra—Pinto de Carvalho (Tissot).

As Gacetas da Hollanda—Alfredo de Mesquita.

Paginas supplementares

O «Brasil-Portugal» na Exposição de Paris.

Aos nossos assignantes

«Brasil-Portugal»

«Almanach illustrado do «Brasil-Portugal» para 1901—

(Opinião dos Jornaes de Lisboa.)

Alvaro Pinheiro Chagas

As publicações portugasas no Brasil.

A Bibliotheca Real de Mafra.

Cartas da Quinquena.

Bibliographia.

Moria.

Antologia.

Sciencia facil.

19 ILLU-TRAÇÕES*

4 paginas a cores

OS Nossos CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO—S. PAULO—(Agencia Central

dos Estados do Sul). Coronel Theodilo Pupo de Moraes

e José Martins Pollo, Rua de Afandega, 4, sobrado.

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARA—J. B. dos Santos & C.ª—(Livreria's Classical—

Rua João Alvim, 30)

MANGAOS—A. Fochadate's Casa Andreen & C.ª—

Praça Tumandará.

MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.ª

CEARA—Salles Torres & C.ª

BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães (Livreria

Magalhães—Rua Direita do Palácio, 25)

PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livreria American)

PORTO AYEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Ame-

ricana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livreria

Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA Guiné—Cesar A. Gouveia da Silva Ro-

ssem, Theorem geral de revenda

MOÇAMBIQUE—D. Bernardo Haitor da Silveira de

Lorena.

MOSSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabel-

ho.

QUELIMANE—Henrique Lima.

BENGUELLA (Egypto)—Matheus & Tavares.

No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte.) Antonio

Couto Fernandes, Rua do Almada, 41, 1.ª

ÉVORA—(Agente geral em Évora e no Sul) Luiz

Freire Correia, director da Scalcocho dos tabacos.

BEN AVENTE—J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA—Gama, Amarel & Com.ª

COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Atico do Ivo, 1.ª.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Glichy, 66.

O «Brasil-Portugal» na Exposição de Paris

Recebemos já comunicação official de que a esta Revista foi concedida uma recompensa em certa-nida universal de 1900, em Paris.

AOS Nossos ASSIGNANTES

Da demora que tem havido na distribuição dos dois ultimos numeros, pede a Empresa da Revista **BRASIL-PORTUGAL** mil desculpas aos seus assignantes. Foi elle motivada pela grande tiragem que teve de fazer do **Almanach illustrado do «Brasil-Portugal» para 1901**. Do n.º 47

que corresponde ao 1.º de Janeiro de 1901, em deante, o **BRASIL-PORTUGAL** fará todos os esforços para que a sua Revista se publique com toda a regularidade.

BRASIL-PORTUGAL

Os escriptorios da administração e redacção do «**BRASIL-PORTUGAL**» ficarão installados no dia 1 de Janeiro de 1901, no 1.º andar da rua do Carmo, 15.

Almanach illustrado do Brasil-Portugal

PARA 1901

(OPINIÃO DOS JORNAES DE LISBOA)

Acabamos de receber o **Almanach illustrado do Brasil-Portugal para 1901**, que é um elegantissimo livro, primor de impressão e repositório das illustrações mais artisticas.

Agradecemos os exemplares que nos enviaram e mais minuciosamente nos referiremos a elle. O almanach abre com a opinião de 46 dos mais distinctos prosadores e poetas sobre o anno que vae comear.
(Do *Diario de Noticias*).

Recebemos o **Almanach illustrado do Brasil-Portugal para 1901**, um interessantissimo volume, primorosamente impresso e collaborado pelos mais distinctos escriptores da actualidade.

A falta de espaço inhibe-nos de referir aos nossos leitores as bellezas que encerra o esplen-

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

dido almanach, bellezas artisticas e bellezas litterarias de primeira ordem.

Brevemente, cumprirmos este gostoso dever. Entretanto, recomendamos o almanach a todas as pessoas de bom gosto, e felicitamos calorosamente os nossos excellentes collegas do *Brasil-Portugal* — a primorosa revista illustrada que tão grande e justa acolhida tem tido — pela sua nova e soberba publicação.

(Do *Correio da Noite*).

Recebemos o *Almanach illustrado para 1901*, agora distribuido pela illustrada empresa do *Brasil-Portugal*. É um elegantissimo volume, in-4º grande, de perto de 300 paginas, profusamente illustrado, e recheado de poesias, novelas, anecdotas, pilherias, etc. A capa, fingendo a encadernação d'um velho codice medieval, é um primor.

O *Juizo do anno* é feito por uma engraçada successão de trechos *ch. rgs.* da maneira litteraria de alguns dos nossos mais notaveis escriptores, o não escriptores — diz o prefacio. (Do *Dia*).

Sabiu hoje o *Almanach illustrado do Brasil-Portugal*, a esplendida revista litteraria e artistica, que figura, inerecladamente, entre as melhores publicações concenoras do estrangeiro. Mais uma vez se confirmou o velho proverbio de que quem seia aos seus não degenera. O almanach, sendo filho de quem é, tinha que ser um primor, e é, na verdade, um primor, quer no que diz respeito ao texto, variado, elegante e atrahente, quer no que diz respeito ás gravuras verdadeiros modelos do genero.

(Das *Novidades*).

Não se trata bem da luxuosa revista, que tão depressa conquistou um lugar de honra na imprensa portugueza. Trata-se de alguma coisa que sabiu deleitar o seu almanach. Isto de almanachs é, como os senhores sabem, obra de banca, em geral. Mas este destaca-se por tal forma, que até o injuria o nome. Um bello e folgado volume, primorosamente illustrado e com larga collaboração de escriptores feitos. As illustrações abrangem tudo: actrices em voga, homens da sciencia, da litteratura e das artes, tipos de mulheres, monumentos, caricaturas, etc. O *Juizo do anno* é espirituosissimo, e com juizes *blagues* dos nossos homens conhecidos, imitando a sua maneira. (Do *Mando*).

É um livro deveras artistico o *Almanach illustrado do Brasil-Portugal p. 1901*.

A capa, impressa a cores, em cartolina, tambem de cor, é elegante e chic. Abre o almanach com o opinio de 45 dos mais distinctos prosadores e poetas sobre o que será o futuro anno. Entre esses vaticinios ha alguns deveras engraçados.

Ao longo das 300 paginas, que formam o almanach, encontram-se illustrações lindissimas, especialmente as dos artistas portuguezes, expressamente feitas para esta publicação. Mencionamos, a correr, *A volta do Calvario*, de Villaça; *Colhendo amoras*, de Gameiro; e *Norte*, de Antonio Ramalho.

No *Juizo do anno* insere varias caricaturas de Jorge Colpaço, traçadas com a elegancia e a verve que o caracterizam.

Além d'isso, o *Almanach do Brasil-Portugal* insere retratos dos mais lindos tipos de belleza feminina, varias allegorias aos diversos mezes do anno, uma serie enorme de contos mudos e tudo o mais caracteristico d'um bom almanach, que liga o util ao agradável, porque, a par das mais bellas gravuras, insere tarifas, receitas, coisas indispensaveis á vida de todos os dias.

Recomendamos os exemplares que nos enviaram e felicitamos os directores do *Brasil-Portugal*, revista que ha dois annos mantem galbamente o seu programma artistico, pelo seu novo almanach. (Da *Vanguarda*).

É o segundo almanach illustrado publicado pela empresa do *Brasil-Portugal* e tão interessante como o seu antecessor, pôde justamente considerarse como uma das melhores publicações do genero.

O texto, muito cuidado e primoroso, insere um *Juizo do anno* chistoso e original, apropriado

ao effeito, prosa e verso d' conhecidos escriptores brasileiros e portuguezes.

A parte artistica é muito variada e trabalhada com esmero, evidenciando-se a linda capa da publicação illustrada por Alfredo de Moraes, um talentoso desenhista, que, dia a dia, affirma os seus creditos com produções similares.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado, de politica e o recomendamos tão interessadamente e util almanach, que revela aprimorado gosto artistico, a par d'uma factura litteraria digna de menção. (Da *Tarde*).

Acabamos de receber um esplendido almanach, editado pela empresa da Revista *Brasil-Portugal*, bellamente impresso e contendo, esparçados por um texto escolhido e brilhante, numerosos retratos das personalidades mais eminentes de Portugal o Brasil. Vende-se ao preço de 300 réis em todas as livrarias. (Do *Seculo*).

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Este nosso presado amigo, secretario da redacção do *Brasil-Portugal*, que regressou no dia 5 da sua viagem ao Brasil, veiu, felizmente, de perfeita saude, com o seu bom humor habitual e a sua franca alegria.

Vistuos a Bahia, Pernambuco, Paris e Manaus em propaganda da nossa Revista, e em todas essas cidades brasileiras recebeu da colonia portugueza e das familias mais distinctas do Brasil inequivocas provas de sympathia, pela Revista que representava, por elle, e pelo nome que herdou e que no Brasil tão querido é ainda hoje.

Alvaro Pinheiro Chagas ponde apreciar de v. s. u. quanto o nome de seu pae era ali estimado e respeitado, e esse facto que para elle foi uma scenação agradabilissima, deve ser para todos os portuguezes de grata recordação.

O *Brasil-Portugal* dá-lhe as boas vindas e congratula-se de o ver retornar de novo o seu trabalho á mesa da sua redacção.

As publicações portuguezas no Brasil

As sr. ministro dos estrangeiros, de Portugal, foi entregue por uma commissão de Livrarias, editores e encadernadores a seguinte representação acerca do pretendido imposto de importação no Brasil para toda e quaesquer publicação:

«Senhor — Os abaixo assignados, livreiros, editores e proprietarios de officinas typographicas, lithographicas e de encadernação, estabelecidos em Lisboa, vem perante o governo de vossa magestade expor o seguinte:

As industrias graphicas são, decerto, de todos os ramos da vida fabril entre nós, d'aquelles que nos ultimos annos mais amplo aperfeiçoamento e expansão tem tido no nosso paiz e d'aquelles que maior numero de braços empregam. Seria superfluo demonstrar agora aqui, com os numeros fornecidos pelos estatisticos, um facto certamente bem conhecido.

Sucedendo porém, que a ultima pauta protectorista, elaborada no patrio intuito de favorecer o desenvolvimento das industrias nacionaes, para as industrias graphicas não tem dado se não effeitos contraproducentes e totalmente negativos, entre outras causas pelos excessivos direitos de importação applicados ás materias primas.

Muitos d'esses inconvenientes são já hoje, infelizmente, insanaveis, razao esta pela qual nem os mencionaremos.

Ha, porém, tres pontos essenciaes para que chamamos a esclarecida attenção do governo de vossa magestade, certos, como estamos, de que as suas patrioticas intenções o moverão a attende-nos, provendo-os de remedio:

1.º — A pauta a que acima nos referimos tributou com graves direitos os livros em lingua portugueza, impressos no estrangeiro, sem se lembrarem os seus fautores de que n'essa classificação lam ficar incluidas todas as produções da litteratura brasileira. Contrastando com este facto, a pauta brasileira conservou até agora uns direitos insignificatissimos para os livros em lingua portugueza lá importados. Mas se esta distincção se mantene até agora, é notorio que corremos risco de que ella desapareça, o que

seria de consequências desastrosissimas para a nossa industria. Entretanto, como a França houvesse reclamado, e como esta nação tem com Portugal convenção litteraria, permittiu-se-lhe a livre importação de livros portuguezes, ali impressos, o que sómente avorece algum editor francez que explore o nosso mercado de livros. E brigando com ella, inutilmente, persistem os mesmos elevados direitos sobre as materias primas da industria do livro que importamos, o que nos affasta absolutamente de podermos concorrer com a industria franceza, deixando-a sósinha em campo.

2.º — As tarifas das permutas postaes de impressos entre o Portugal e o Brasil tambem são manifestamente desiguas, e contrariam o estabelecimento de relações intellectuelles entre os dois paizes. Os portos, impressos, enviados de Portugal para o Brasil, pagam primoramente o dobro do que pagam os que são remetidos de lá para cá. A administração portugueza pretende justificar esta medida, dizendo que tem de pagar avultados fretes a alguns vapores que transportam correspondencia. Poderia objectar-se que os serviços do Estado não são instituidos para darem lucro ao thesouro, mas para beneficio da nação; porém, admitindo mesmo que o Estado não possa perder, injusto se affigura que a correspondencia, expedida gratuitamente em certos paquetes, seja portata pela mesma tabella. Novamente, uma dupla tarifa de portes não é novidade entre nós, pois foi mantida por muitos annos pelo correio portuguez.

3.º — A importação das chamadas *percalinas*, que são empregadas exclusivamente em trabalhos de encadernação, é um outro assumpto que, seja nos permittido dizer, reclama a attenção do governo de vossa magestade. Está demonstrado que a industria nacional é por elle incapaz, e sel-o ha por muito tempo, de produzir percalinas em condições accetaveis no mercado. Apenas, que nos consta, uma fabrica de estamparia em Lisboa fez algumas tentativas n'este sentido, sem nenhum resultado pratico, por ser esta industria um ramo especial e particularmente á parte das da estampagem de capitães, e o qual exige avultado emprego de algodão, que o limitado consumo do nosso paiz nunca poderia retribuir. Temos de forçosamente continuar a recorrer ao estrangeiro. Ora, ao passo que uma peça de percalina ordinaria custa em Manchester 16 schillings, os seus direitos de entrada em Portugal são de cerca de 4800 réis! Diu isto em resultado, além de naturaes inconvenientes para nós, que até os poucos editores brasileiros, que mandam imprimir as suas edições em Portugal, encamendam as encadernações d'esses livros á França.

Por estes motivos, os abaixo assignados pedem o respeitadamente a Vossa Magestade hajá por bem ordenar: que os livros em lingua portugueza, impressos no Brasil, tenham livre entrada em Portugal.

Que, pelo menos, os impressos remetidos para o Brasil em vapores que transportam gratuitamente, ou por insignificante retribuição, as malas do correio paguem um porte minimo;

Que sejam abolidos os direitos sobre importação das chamadas *percalinas* para capas de livros, a fim de que a industria de encadernação possa lutar em equaldade de condições com as dos paizes para os quaes foi e vier a ser concedida livre e rada para impressos.

Mais foi resolvido que d'essa representação se entregue uma copia ao sr. ministro das obras publicas, pedindo se-lhe ao mesmo tempo o seu auxilio para o bom resultado dos seus desejos.

E' esta uma questio da mais alta importancia a que o sr. conselheiro Arroyo não deixará de prestar toda a sua attenção e boa vontade.

A BIBLIOTHECA REAL DE MAFRA

O sr. Ayres de Sá, actual bibliothecario do Paço Real de Mafra, que está empregando todos os esforços para que essa bibliotheca volte aos seus aureos tempos, pede-nos a publicação d'este aviso, ao que gostosamente accedemos:

«O bibliothecario da Bibliotheca Real do Paço de Mafra pede á todos os autores litterarios que enviem um exemplar das suas publicações para a referida bibliotheca.»

O CARTAZ DA QUINZENA

Madame de Chavry..... Adalina Santos
Victorina..... Sarah Coelho

A seguir, entrará em ensaios o original em 4 actos do sr. Augusto Motta, intitulado *Lucta inimita*. Completará os espectáculos d'esta peça uma comédia n'um acto, *Um anjinho da pelle do diabo*.

S. Carlos.—As operas que se devem seguir ao *Tannhauser* são o *Roberto do Diabo*, de Meyerbeer, que já ha annos se não canta em Lisboa; o *Ortello*, de Verdi; a *Giacinta*, de Ponchielli; a *Norma*, de Bellini, para estreia do soprano Ines Del Frate.

D. Maria.—E' definitivamente no sabado, 22, a *première* da peça de Damas filhas, *O Paço prodigo*, assim distribuido:

Gonde de la Rivonnière.....	Ferreira da Silva
Visconde André de la Rivonnière.....	F. Maia
De Tournay.....	Joachim Costa
De Ligneray.....	Augusto Mello
De Parailles.....	Cardoso Galvão
De Naton.....	Carlos Santos
Jose.....	F. Sampaio
Um cobrador de Banco.....	Augusto Sampaio
Um cocheiro.....	Theodorou.
Um creado de hotel.....	A. Sampaio
Outro creado.....	H. Rosa
Albertina de la Borda.....	Augusta Cordeiro
Helena.....	Cecilia Machado
Madame Godfrey.....	Emilia Lopes

D. Amelia.—Para quinta feira 27, está annunciada a *reprisè* do celebre drama de Dicienta *João José*, cujo desempenho apresenta d'esta vez novidade, por ser o papel de protagonista, creado em Lisboa pelo grande actor Brazão, leito d'esta vez pelo actor Luiz Pinto, que realisa n'essa noite a sua festa artistica. Luiz Pinto, que é um actor sympathico e estudioso, já desempenhou o papel de João José, no Brasil, obtendo da critica fluminense elogiosos applausos.

—As recitas da Rejane ainda não estão marcadas, mas como a grande actriz franceza só debutará em Madrid a 7 de Janeiro, não a teremos em Lisboa a menos da segunda quinzena d'esse mez.

Na sexta feira *reprisè* do *Huilet* para a festa artistica de Brazão. Baste o aviso.

Trindade.—Para quinta feira 26 está marcada a primeira representação das *Duas Princesas*, zarzuela que ha annos se cantou, com agrado, no antigo Theatro dos Recreios.

Esta zarzuela é lindissima, e a musica verdadeiramente hespanhola, scintillante e viva, alegre muitissimo o libretto.

A empresa d'este theatro adquiriu já uma nova estrela, Amelia Lopiccolo que deve reaparecer ao publico de Lisboa na magica *O Bico do papagaio*.

Gymnasio.—O *Pelintra*, apesar do nome, continua despendo no camaroteiro d'este theatro, todas as noites, prata e mais prata.

Comentario de um espectador.
—Ha *Pelintras* muito felizes!

Rua dos Condes.—Activam-se os preparatorios para a nova Revista do Anno. Embrantem *Malaquias, muher e filha*, uma familia divertidissima, vale alegrando o espectador, que ri a bom riir todas as noites com ella.

Atenida.—Depois da *Grã Duquesa*, em que Palmira Bastos fuzi deliciosamente a protagonista, e cuja primeira representação está marcada para 22, entrará em ensaios, para beneficio do actor Alfredo Carvalho, a opera comica de Planquette os *Sinos de Corneville*, assim distribuido:

Gaspar.....	Alfredo Carvalho
Gastão de Corneville.....	Correia
Nicolau.....	S. Gomes
O Balão.....	Roldão
O tabellião.....	Ricardo
Grippard.....	Séquera
Fernard.....	Correia
Tubarão.....	Aurelia dos Santos
Germana.....	Elvira Mendes
Rosal na.....	

Alfredo de Carvalho representante illustre da graça de Ribeiro e de Isidoro, será tambem, como o primeiro, um Gaspar brilhante.

Principe Real.—A seguir a *Rainha Santa Isabel*, estio marcado os seguintes espectáculos:
A tomada da Basilha, reprisè.

A Toga vermelha, premiere para beneficio do actor Pató Montiz.

Os Homens da mar, reprisè em beneficio do actor Augusto Machado.

Colyseu dos Recreios.—Esta empresa, que nunca dorme sobre os louros colhidos, e que tem feito grande successo com a variedade dos espectáculos da sua companhia equestre, acrobatica e gymnastica, contractou já 4 artistas de canto, muito notaveis *Les troubadours toulousains*.

Trovadores, vamos ter no Colyseu.

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

— Sempre as ultimas novidades —

RUA DO ALECRIM, 114, 1.

LISBOA

BIBLIOGRAPHIA

Capital Paulista.—E' uma revista mensal de artes e letras, que os srs. Arthur Goulart, Francisco Gaspar e Aristides Pinheiro publicam em S. Paulo (Brasil). O n.º 4 da 2.ª serie inserir um retrato do paulista e poeta Escragnolle Dorri, auctor d'este soneto

NOITE DE BATALHA

A Paulo Marqueritte

Tanta gente morreu, mas de que vale,
Na pejeia das tropas carnizadas.
Ha sob corpos ás pilhas quem exhalo
O ai das boccas convulsas e cerradas;

Mas ha quem para sempre ali se cale.
A dor humana alheia, socegada,
Descem sombras da tarde ao meigo valle
Em finas, doces rintas esfumadas.

Endo, sobre sangueira de tal monta,
No céu o plenilunio d'ouro aponta
— Vigia funeral da vã batalha —

Derrama-se o luar pela paisagem
E os linhos da celeste, dóce imagem,
Aos cadaveres servem de mortalha.

Retratos da Beira.—Em Castello Branco fundou-se esta revista quinzanal, que abre com um retrato e biographia do sr. Manuel Vaz Preto, dando tambem n'esse numero uma interessante vista de Castello Branco.

A caminho do sol.—Os srs. Fernando Reis e Mayer Garção, dois escriptores novos e intelligentes, de braco dado n'um volume de perto 300 paginas, vagueiam e mais a sua phantasia por certos dias do anno. Ha, ao longo d'essas paginas, instantaneos curiosos da vida, pequetenas historias d'*après nature*, eroquis interessantes

dos nossos mezes, das nossas festas, dos nossos costumes.

Vão caminho do sol Deus queira que o encontrem!

Encyclopedia Portuguez Illustrada.—Publicados os fasciculos 84, 85 e 86 d'este dictionario universal, dirigido pelo sr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medica do Porto com a collaboração effect. va dos mais distinctos homens de sciencia.
A edição é do Porto—Lemos & C.

Memorias de um medium.—São os curiosos extractos de um diário do sr. João da Rocha, de Barcellos.

Espiritista *enragé*, dominado pela sua ideia, apaixonado por uma Margarida, que afinal vem a ser mãe de um filho d'elle, o protagonista faz as coisas mais enlucradas. Muito de Edgar Poe e de romancista de provincia.

Madrugadas. — Como todos os poetas, de todos os tempos, o auctor do folheto o sr. José Pontes, entre os seus versos, tem uns dedicados a Maria. Diz elle:

Tu tens Maria a pallidez da lua
E és mais pallida do que Maria,
Essa belleza que d'ahi sorreste
Tu a roubaste—que sorte essa tua—
Ao seraphico amor que aos ceus subia.

Tu és n'esta terra inculta
A estrella que me guia.

Não fujas nunca ao triste louco, ao pobre
Que a ti predeste por mag a infinda,
Que a ti soldaste n'uma atroz cadeia,
Aquelle que vive porque amor o cobre
N'um raro azul d'uma esperanza linda.

Vi uma mulher, ameia-a
E eu quero amal-a ainda.

E se a attracção é tanta—essa que exerces
Se és para mim mais do que a luz do dia,
Do que Jesus, maior do que a Razão,
Mulher, escuta tão fervorosas preces
Que eu sou sincero e bem só teu Maria.

E nunca me fujas, não?
Que, m'liber, sem ti morria.

Revista madeirense. — Folheto de 16 paginas, publicação semanal, editada no Funchal e dirigida pelo sr. Jayme de Campos Ramalho. O segundo numero pergunta no seu primeiro artigo se ha uma formula catholica da architectura no seculo XIX? Firms este artigo um dos nossos mais sympathicos engenheiros o sr. Mello de Mattos.

O Pomar dos Sonhos. — E' um poema — diz o proprio auctor — que pretende apenas ser um grito de Revolta contra a realidade actual.

O sr. João de Barros, seu auctor, data-o da Figueira em 2 de outubro de 1900, e divide-o em 14 poesias, das quaes destacamos esta ao amor:

Chamas amor ao que é paixão,
Ao que é desejo leve como o fumo;
O amor—serena communhão—
Segue um sonhado e invariavel rumo.

Saciaes a paixão com vossos beijos,
N'uma doida luxuria inenarravel;
Mas oh! o amor não é como os desejos
— E' sempre insaciavel...

A luxuria endoidece-nos e cansa
E traz consigo a Morte,
Emquanto o amor é uma eterna esp'rança
Invencivel e forte.

E' um continuo fogo de artificio,
E' um deslombamento,
E dá vertigens, como um recitativo
Ao inexpérimentado sentimento!

E' como um toque de clarim n'um descampado,
Nas horas mais, sombrias;
E' elle que nos dá o fructo desejado
E que torna palpaveis as visões fugidias...

Mas para que nos traga o socorro perfeito,
E que nos faça a Vida um eterno prazer,
E' preciso guardal-o sempre dentro do peito
E não des-nimar o m momento sequer!

Diccionario de Milagres. — A livraria editora A. M. Pereira compilou n'um livro de perto de 400 pagin s, varios escriptos dispersos de Eça de Queiroz e, entre estes, algumas paginas que o grande escriptor lhe deixou, e que deviam fazer parte de uma obra que elle trazia em elaboraçao, sob aquelle titulo, interrompida por varios motivos.

O sr. Silva Bastos, que prefacia o livro a convite dos editores, tambem não sabe explicar o que seria essa obra. Escreve elle, tratando deffini-la:

«Qual a idea de Eça de Queiroz dando a lumen a um Diccionario de Milagres? Fazer concordancia ao Flis-Sanctum? Dar-nos um Flis-Sanctum maior mais aperfeccionado e mais completo? Ignoro-o. O que me parece é que Eça de Queiroz, agrupando os milagres dos santos n'aquelle

que elle chamava um diccionario, segundo certos vocabulos caracteristicos e evocativos dos grandes actos que a tradiçao attribue aos santos e santas da corte do ceo, pretendia commentar esses milagres, não n'um sentido econoclastico; não n'um protesto de espirito reaccionario que ouza pulverisar tradições, muitas das quaes residem em um perfume encantador de ingenuidade, de graça christi, de poesia, mas simplesmente d'um ponto de vista alheio a quaesquer preoccupações de demolidor.»

Pyrampos. — O auctor d'esse livro, o sr. Simões Ferreira, não é um escriptor de fim de seculo. E' mais do que isso — é um contista de fim de seculo que ha-de vir.

E' curioso que dedicando o seu livro de contos a uma irmã sua, como se deprehe da dedicatória seguinte:

A minha querida Leonina
para que o leia com nossa mão

o contista escolhesse, entre outros productos da sua phantasia, o conto *Na Lama*, que é por sua vez dedicado especialmente ao sr. Trindade Coelho.

O protagonista d'este conto era nem mais nem menos do que uma coisa medonha. A sua bocca fedia como uma cisterna cheia de cadaveres, diz o sr. Simões. E pobre do homem! Que diabruras lhe faziam! Imaginem que uma vez (sic) achegaram a deitar-lhe no vinho liquido medonhos, que os leitores da nossa Revista não precisam profundar.

Será muito realista, mas é tambem muito pouco acido. E, francamente, achamos de mau gosto pedir á familia que lhe leia o livro!

Dizia uma senhora velha a uma creança:
— Não chore; olhe que as meninas que choram, fazem-se muito feias quando são velhas.
— Sim! diz a menina; quando vejo a senhora chorou muito quando era menina.

N'um restaurante:
Entra uma senhora e pede que lhe mandem a casa um jantar.
— V. Ex.ª deseja um jantar de cinco tostões ou de oito?
— E que differença ha entre elles?
— Apenas tres tostões!

MORTA!

Entrei hontem na Sé, como um ladrão, com medo que alguém me visse e fosse o meu maior segredo contar, como se conta um facto escandaloso... E' caso muito raro, é caso sem exemplo, um impio penetrar, cheio de fé, n'um templo e de joelhos orar, contracto e respeitoso...

Dulce tinha-me dito: — «A gente fica boa, quando alguém que nos ama uma oração entoa na casa do Senhor, pedindo á Deus por nós...» Somnambulo acordado, eu caminhei, chorando, em direcção da Sé, e o orgulho meu quebrando — rezei, ouvindo ainda o som d'aquelle voz!

Todos dirão: — Mentira! um blasphemio não reza! E mentira não é — rezei; a minha reza foi sublime de fé, foi cheia de fervor... prostrando-me, beijei o chão do templo augusto, respeitoso, osculet de Christo o meu beijo, pedindo a salvação de meu primeiro amor!

Quando, porém, voltei, contente do meu acto, e entreabri subtil, com timido recato, d'alcova onde Ella estava a pequenita porta... mais uma vez descrei do balsamo que trazem as santas orações, que os desgraçados fazem... — Dulce estava sem cor, enregelada, morta!

Pará.

J. EUSTACHIO DE AZEVEDO.

Um criminoso é entregue ao cartasso.
Um padre aproxima-se, e diz-lhe:
— Tem algum pedido a fazer? A vontade dos que vão morrer é sagrada.
— Tenho, sim, meu padre: queria aprender latin.

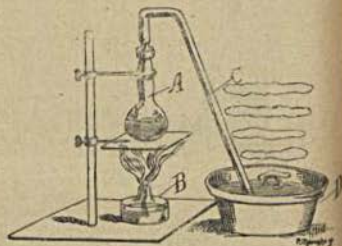
SCIENCIA FACIL

O phosphoreto de hydrogenco

Dá-se este nome a uma combinação—o hydrogenco com o phosphoro que se obtem nos laboratorios do seguinte modo:

Põe-se no fim d'um tubo curvo, um pouco de phosphoro secco e enche-se a parte horizontal do tubo com cal viva; aquece-se esta parte do tubo no rubro vivo e faz-se em seguida distillar o phosphoro que reagindo sobre a cal a transforma n'uma substancia escura formado por mistura de phosphoreto de calcio e de phosphato de calcio.

Introduzindo n'um copa de agua um fragmento d'este phosphoreto de calcio, a agua decompõe-se e o phosphoreto gazoso mistura-se com o hydrogenco e estas bolhas gazozas inflamam-se espontaneamente ao contacto do ar produzindo chamma violacea e magnificos anneis de fumo.



Póde-se dispôr a experiencia d'outro modo; faz-se com cal extinta e agua umas pequenas bolas, no interior das quaes se introduz um fragmento de phosphoro. Deitam-se estas bolas n'um balão de vidro (A) acaba de se encher o balão com cal de modo a ficar o menos se possível e adapta-se ao balão um tubo de vidro (C) que d'um lado atravessa a linha do balão e do outro vai mergulhar na agua d'uma tina (D). Aquece-se o balão, a principio moderadamente e depois com mais intensidade; ao fim de pouco tempo vê-se desprender da extremidade do tubo mergulhado na agua, bolhas gazozas que ao contacto do ar se inflamam, produzindo um grande anel de fumo.

Recetas diversas

Cimento transparente

Dissolve-se em agua distillada:

Gomma arabica pura... 7 partes.
Assucar candi

Evapora-se em banho maria até consistencia xaroposa e conserva-se em frascos bem rolhados.

Martiques resistindo aos acidos

1.ª Uma pasta espessa de silicato de potassa e pedra pomes pulverisada; além de resistir aos acidos, constitue uma boa colta para vidro.

2.ª Amianto em pó..... 2 partes
Sulfato de baryo..... 1 parte
Silicato de soda a 50°B..... 2 partes

Quando os acidos são fracos, emprega-se o silicato de soda a 130°B.

3.ª Silicato de soda..... 2 partes
Areia..... 1 parte
Amianto..... 1 parte

Resiste este martique á acção do acido azotico.

4.ª Funde-se uma porção de borraça e junta-se-lhe 8% de sebo e a quantidade de cal extinta necessaria para fazer pasta; para mais depressa endurecer, junta-se-lhe vermelhão; resista á acção do acido sulfureto fervente.

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realzados em vigor.....	50.297:000\$000	Reserva de re-seguro	2.601:265\$577
Novos seguros propostos em 1899	24.451:000\$000	Sobras-Garantia supplementar	491:282\$904
Seguros accetes em 1899.....	20.895:000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de titulos e predios que possua.....	200:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899	3.556:000\$000	Sinistros pagos até esta data.....	1.028:000\$000
Renda em 1899	3.428:944\$128		

CONCLUINDO-O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

"Estes algarismos que definem perfectamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correcção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encómio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

"Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço".

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

em Londres, 1862; Viena, 1873 e Paris 1875 e 1889

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cacos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, ações de Bancos e Companhias, Cambiaes, Hypothecas, etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commo caes, particulares e em sua agencia

à Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

ENDER. TELED. «Alda»

C. do Correo 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.º

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.º

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescências, nas digestões difficis, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

Fabrica S. Gonçalo

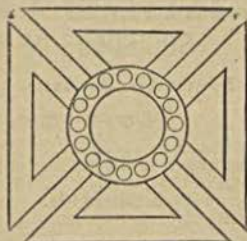
E. DE ANDRADE & C.º



Chumbo

de

caça



Chumbo

de

caça



QUALIDADE SUPERIOR

Dureza

Perfeição

Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735

Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispendo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a instalar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Actualmente publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. \$35000 réis, enc. 40000 réis. *Guilgaritas permanente.* — Publicação de uma caderneta mensal ao preço de \$3000 réis franco de porte.

EDITORES: LEMOS & C.º sucessores
Largo de S. Domingos, 63. — PORTO
AGENTES NO RIO DE JANEIRO
A. Mascarenhas & C.º — Rua da Quitanda, 38
Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim
CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direccão de MAXIMIANO LEMOS

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueja, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Ednardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Fittulo, dr. João Patva, Joaquim A. Cambezo, José Candida Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Querido, Paulo Marcellino Das Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Feias, Simas Machado, Theophilho Braga, Valentim de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

Leita da Escola Médico-Cirurgica da Porto



PERNANBUCO PENSÃO DERBY

Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇO MODICO

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico—DARBY Caixa ao correio n.º 183. O Band do Derby passa perto da Penida.



Livraria moderna **PEREIRA & SILVA**
PARA — R. Cons.º João Alfredo, 35
Livraria amena
Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.
FRANZESCA DE ESCRITORIO
Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna.

BRASIL-PORTUGAL

Nomeo comemorativo do 4.º centenario do Brasil

À venda na redacção do
"BRASIL-PORTUGAL"
Rua Ivens, 52



Livros uteis e instructivos

EDICÖES da EMPREZA EDITORA de F. Arthur da Silva — LISBOA

- HISTORIA UNIVERSAL.—C. Cantu— Desde a creação do mundo até á nossa epocha. Traduzida por Manuel Bernardes Branco, 13 volumes in-4.º gr., 2.ª edição, com 81 gravuras. br..... 28000
- Em encad. inteira..... 34500
- OS ÚLTIMOS TRINTA ANNOS 1845 a 1875.—C. Cantu—Verão pelo visconde de Castilho—in-8.º, com 512 pag e retrato do autor, br..... 1900
- Em encad. inteira em 1/2 inglesa..... 25000
- DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OITAVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—dr. José M. A. A. G. de Lacerda—Diccionario de synonymos; Vocabulario da lingua Brasileira, ou Tapp;—Vocabulario do dialecto Guarany, 2 vol. in-folio, 2.ª edição, com 2180 pag. enc..... 120000
- HISTORIA DAS PERSEGUIÇÖES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media ate aos nossos dias.—Veritas do hespanhol por J. Trifaldete, 3 vol., in-8.º, com 1242 pag. e 13 grav. br..... 35000
- Em 1/2 encad. franceza..... 38000

- HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRASIL).—Sebastião da Rocha Pittas— Desde o anno de 1500 ate o de 1714.—Revisão e actualização por J. Gomes Gomes, in-8.º grande, 2.ª edição de luxo com 10 grav. e um mappa, broch..... 12500
- Em 1/2 encad. franceza..... 13000
- RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—Silveira Pinto e Visconde de Saanches de Buarca—vol in-4.º grande, com 132 pag., edição de luxo, com brazões de armas no texto, br..... 16000
- Em 1/2 chartis, couro especial..... 20000
- O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DA LA MANCHA.—dr. Miguel de Cervantes Saavedra.—Verão do Visconde de Benalcán for. 2 vol. in-8.º com 1568 pag., com 31 grav. broch..... 37000
- Em 1/2 encad. franceza..... 38000
- OS SERTÖES D'AFRICA.—Alfredo Sarmento.—Apontamentos de viagem, in-8.º com 15 grav. e 1 mappa do Ambriz, br..... 500
- Em 1/2 encad. franceza..... 500

Remette-se franco de porte e catalogo illustrado.

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cosinha

É preciso boa manteiga pura

USE

Manteiga Burnay

À venda em todas as principais mercancias de Lisboa

AGENTE GERAL
JOÃO BASTOS JUNIOR



285, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

- João Luiz Fernandes & C.º — R. da Prata, 282 a 285, Lisboa.
- Jeronymo Martins & F.º — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
- José Afonso Vianna & C.º — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
- R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
- Alves Diniz, Irmãos & C.º — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
- Sib. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

Licor de café Beirão

Approved pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sezões

Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sózinho, em silencio, sem arruido, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céo nos pôde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres pá-lustres, typhos, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemias e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puer-peral, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres inter-mittentes, malicias ou staões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recaldas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DE

Carvalho, Leite & C.^a

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

V.^{ya} WENCESLAU GUIMARAES & C.^a

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas
Wenceslau Rio

Caixa do correio
N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo praso —juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %/100 de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/5 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a praso ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 % ao praso de 3 mezes; 3 1/2 % a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a praso Agentias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O 99 de Rua Nova do Almada tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as qualidades, assim como bengalas, leques, perfumarias e artigos de moda. Esta casa é a primeira de seu genero em servir bem e por pouco dinheiro.

Quando viajem deve dirize de visitar este estabelecimento em Lisboa.

Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R. 1a General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

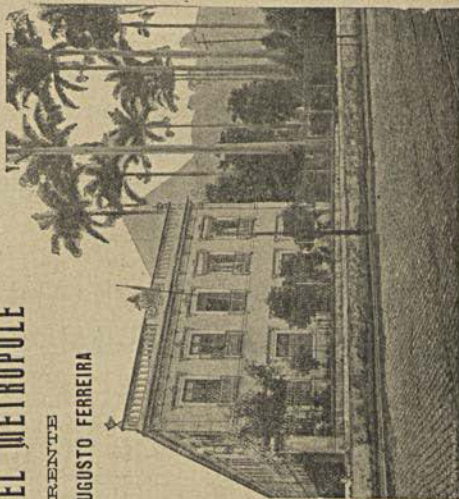
Continua aberto o pagamento de juros da 'divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e hem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitaeis de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Covado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES!



CASA FILIAL

Rua Florencio d'Abreu, 31

S PAULO



Casa matriz e fabrica

RUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO

Casa matriz—RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com oficinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade



COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM



Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros



VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES & Comp.^a

PORTO



RELOJARIA
 E **JOELHERIA**

Completo sortimento

DE

RELOGIOS E JOIAS

Com ou sem brilhantes

Especialidade
 em artigos

DE

PARIS

Para homens e senhoras

F. A. MOREIRA & C. A.

R. DO OUVIDOR, 67-A

(Canto da Rua Nova do Ouvidor)

RIO DE JANEIRO



NOVOS RELOGIOS REMONTOIRS

Com mostradores luminosos nos quais se vê as horas ás escuras

Diplomas e medalhas: Exposição de Genova 1858, Bruxellas 1857, Paris, 1860

	Moeda portug.	Moeda francesa
1. ^o Relógio Remontoir, mostrador luminoso, muito sólido e elegante, caixa em aço, fechando hermeticamente, re-ervado a poeira, excelente andamento, cylindro e rubis cortado, tamanho 18 linhas.	35000	158000
2. ^o Idem, com uma caixa forte em prata.	55000	255000
3. ^o Idem, em ouro.	75000	325000
4. ^o Relógio Remontoir, para senhora, 11 linhas, muito elegante, caixa em aço.	15000	65000
5. ^o Idem, em prata.	12000	50000
6. ^o Idem, em ouro.	18000	80000
7. ^o Relógio Remontoir, Bussola, a ta novidade, formando relógio e bussola ao mesmo tempo, mostrador luminoso, tendo no mostrador-luzesada gravada a carta geographica de Portugal ou do Brasil, Africa, ou de outros, para facilitar e tornar interessante a orientação, tamanho 18 linhas, excellentemente acabado, e peculiaridade para militares, viajantes, navegantes, enciclopedicos, com caixa de nickel.	55000	—
Idem, em prata.	45000	—
Idem, em ouro.	55000	—

Para encomenda de 6 relógios faz-se o desconto de 10% a Exposição para Portugal contra vale do correio, incluindo de frinquia, para o Brasil contra cheque bancario, incluindo de franquia.

Expede-se toda a quidade de relógios por encomenda, sejam chronometros, com boletins de observatorio, chronographos, relógios de repetição com quartos e minutos, palomertos, etc.

P. A. JOANNOT, FABRICANTE DE RELOGIOS

FUNDADO EM 1847

GENOVA (Suissa)

FABRICA: Rua de S. Christovão N.º 129
DEPOSITO & ESCRITORIO: Rua da Constituição N.º 3
 TELEPHONO N.º 185

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas, moveis avulsos ou quaesquer outros

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

CAPITAL SUBSCRITO 5.000.000\$000

Capital realiado..... 2.600.000\$000
 Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100.000\$000
 Lucros suspensos e especciales, idem... 1.200.000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambias, em sua sede e nas suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e com os Paizes d'Europa e America.

Directores

A. B. Torres, Manoel Carvalho da Costa, João Corrêa Pinto

CERA MANUFACTURADA
Rua de Santa Martha, 142

ANTIGA CASA NOGUEIRA DE SOUSA
SUCESSOR

LUIZ MIGUEL FURTADO

Dispõe-se qualquer encomenda
com promptidão lenta para o reino como filiaz
e Brasil

BRASIL-PORTUGAL

Almanach illustrado

Para 1901

À venda em todas as livrarias



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Hollas e todos os accesorios

Jogos diversos de novidade—Cartas,

Tentos e Fixas para todos os jogos

Via de José Alexandre de Senna

28—Rua Nova de Almeida—28

CASA FUNDADA EM 1836.

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de vestidos e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa